



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA:
ENSAIO PARA UMA FUTURA HUMANIDADE

CARLA CRISTIANE SACRAMENTO COSTA

Brasília-DF, Março de 2015

CARLA CRISTIANE SACRAMENTO COSTA

EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA: ENSAIO PARA UMA FUTURA HUMANIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues, como requisito parcial e insubstituível para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Brasília-DF, Março de 2015

Costa, Carla Cristiane Sacramento

**EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA: ENSAIO PARA UMA
FUTURA HUMANIDADE / Carla Cristiane Sacramento Costa:**
Brasília: UnB. 2015. 89 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade de Brasília, 2015

Orientadora: Maria Alexandra Militão Rodrigues

TERMO DE APROVAÇÃO

CARLA CRISTIANE SACRAMENTO COSTA

EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA: ENSAIO PARA UMA FUTURA HUMANIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a
avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

Prof.^a Dr.^a Maria Alexandra Militão Rodrigues (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Cláudia Guilmar Linhares Sanz (examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Maria Lídia Bueno Fernandes (examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, Março de 2015

Dedico este trabalho a todos que acreditam e
trabalham por uma educação Neo-Humanista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Aldacir Sacramento da Costa e Carlos Santiago da Costa, à minha sogra Maristela Bernardo, aos meus maravilhosos filhos Kalyan e Ana Catarina e ao meu querido esposo Luciano Pimentel. Todos meus entes queridos me ajudaram a crescer, aprender e a compartilhar sonhos e realidades.

Faço um agradecimento especial à minha orientadora Alexandra Rodrigues que com paciência e carinho sempre me motivou e acreditou no meu trabalho.

**“[...] na realidade nunca houve humanidade,
agora que está havendo. Estamos fazendo os
ensaaios do que será a humanidade.”**

Milton Santos

RESUMO

Este trabalho consiste em um ensaio sobre a educação Neo-Humanista, que busca transcender os aspectos materialista e mercantilista da sociedade contemporânea e valorizar a espiritualidade e uma sociedade mais humana. O ensaio tem como objetivo geral refletir acerca de um novo olhar sobre a educação a partir da abordagem Neo-Humanista, propondo-se, para tal: criticar uma educação fundamentada no paradigma racionalista-materialista; pesquisar as origens, princípios e valores da educação Neo-Humanista; ressaltar a importância da espiritualidade em uma educação Neo-Humanista; e refletir acerca dos caminhos da Educação Neo-Humanista no Brasil. Apresenta-se as bases de uma nova educação a partir da obra do filósofo indiano Prabhat Ranjan Sarkar, das bases conceituais do Tantra Yoga e do sistema Gurukula. Encerra-se com uma reflexão acerca das perspectivas de uma educação fundada em valores mais holísticos no Brasil, revisitando a recente Primeira Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação e mapeando as iniciativas educacionais Neo-Humanistas que proliferam no país. Conclui-se que a borboleta inicia o seu voo, rumo a novos paradigmas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Neo-Humanista; espiritualidade; alternativas para uma Nova Educação.

ABSTRACT

The present work consists of an essay on Neohumanist Education, which seeks to transcend the materialist and mercantile aspects of contemporaneous society, as well as it values spirituality and a more human society. The essay has the overall objective of reflecting upon a new look on education, with the Neohumanist approach as basis. To this objective, it proposes to: criticize an education based on the rational-materialist paradigm; research the origins, principles and values of the Neohumanist Education; highlight the importance of spirituality on an Neohumanist Education; and to ponder on the ways of Neohumanist Education in Brazil. The bases of a new education are presented taking as starting points the work of the Indian philosopher Prabhat Ranjan Sarkar, the conceptual bases of *Tantra Yoga* and the ancient *Gurukul* System. At the end, discussion on the perspectives of an education founded on holistic values in Brazil are made, reviewing the recent First National Conference of Alternatives to a New Education and mapping Neohumanist educational initiatives that propagate through the country. The conclusion is that the butterfly has just taken off, towards new social paradigms.

KEYWORDS: Neohumanist Education, spirituality, alternatives to a New Education.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO | 7 |
| ABSTRACT | 8 |
| APRESENTAÇÃO | 11 |
| PARTE I – MEMORIAL | 12 |
| PARTE II – ENSAIO | 16 |
| . INTRODUÇÃO | 17 |
| . PRIMEIRA PARTE: POR UM MUNDO EM QUE CAIBA O TODO | |
| SOCIEDADE MATERIALISTA | 20 |
| INFÂNCIA E ESCOLA | 22 |
| VIDA PRECOCE | 25 |
| RUMO AO VAZIO | 26 |
| UM NOVO OLHAR | 28 |
| . SEGUNDA PARTE: SEMENTES DA TRANSCENDÊNCIA | |
| OLHOS FECHADOS E MENTES ABERTAS | 30 |
| INTEGRALMENTE RACIONAL ? | 31 |
| COMPROMISSO ESPIRITUAL | 32 |

. TERCEIRA PARTE: ORIGENS E VALORES DE UMA EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA

| | |
|---|----|
| DESPERTANDO EM CAMADAS | 34 |
| A FILOSOFIA NEO-HUMANISTA DE P. R. SARKAR | 37 |
| Prabhat Ranjan Sarkar | 37 |
| A filosofia do Tantra | 38 |
| Base espiritual da sociedade | 40 |
| VALORES NEO-HUMANISTAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO | 41 |
| Princípios Humanos Cardinais | 41 |
| Valores Sociais | 43 |
| Conceitos de Ética Universais da Educação Neo-Humanista | 47 |
| O SISTEMA GURUKULA | 50 |
| DESAFIOS DO PROFESSOR NEO-HUMANISTA | 51 |

. QUARTA PARTE: POR ONDE CAMINHA A EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA NO BRASIL?

| | |
|---|----|
| O VOO DA BORBOLETA | 54 |
| Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação | 54 |
| Projeto Autonomia | 55 |
| INICIATIVAS A CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO NEO- HUMANISTA | 57 |
| Seminário Internacional de Educação Neo-Humanista | 57 |
| Projetos em ENH em curso no Brasil | 61 |

. CONSIDERAÇÕES FINAIS

PARTE III - PROJETO PROFISSIONAL

REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS

ANEXOS

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso versa sobre a Educação Neo-Humanista e suas possibilidades, e se intitula: “Educação Neo-Humanista: ensaio para uma futura humanidade.” O trabalho se inicia com um Memorial, onde apresento os caminhos que me levaram, desde a infância, à Educação Neo-Humanista. Em seguida, aparece o Ensaio, que se encontra dividido em quatro partes.

A primeira parte, cujo título é “Por um mundo em que caiba o todo”, relata as consequências de uma sociedade materialista e degenerada, fundamentada na ideologia do mercado e do consumo, que transpassa de forma fria e irresponsável pelas necessidades vitais e éticas de cada forma de vida. Também neste capítulo se evidenciam críticas sobre a adaptação da escola à nova ordem mercantilista de educação, que legitima o ritmo frenético e autoritário da vida contemporânea, pondo em risco a infância e seus matizes. Apesar da crítica à crise que se instala na sociedade, é feito o apontamento para uma direção positiva de uma sociedade vindoura que dá início aos seus passos para um conhecimento mais espiritual.

A segunda parte se intitula “Sementes da transcendência” e vem de encontro às margens sociais onde se instala uma visão mais holística da vida e da dando fundamento para o surgimento de uma sociedade mais humana e solidária. Discutem-se, também educação mais espiritualizada, para contemplar as capacidades e possibilidades verdadeiramente humanas da sociedade.

A terceira parte, “Origens e valores de uma Educação Neo-Humanista”, apresenta a proposta e Neo-Humanista para uma nova educação, surgida a partir de bases conceituais do *Tantra Yoga* e que pretende contemplar todas as esferas da vida. Aborda, também, os desafios do professor Neo-Humanista.

A quarta parte, “Por onde caminha a Educação Neo-Humanista no Brasil?”, realiza um recorte das iniciativas que se assumem Neo-Humanistas e de movimentos afins a essa filosofia, ou seja, que estão na mesma busca de humanizar a educação e a sociedade.

Finalmente, é apresentado o meu Projeto Profissional.

PARTE I:

MEMORIAL

MEMORIAL

Desde muito nova, sempre tive interesse pelo conhecimento, pelos segredos e mistérios que envolvem a natureza da vida. Minha mais tenra lembrança é da minha mãe e minha avó contando suas histórias, dramas e aventuras da infância de uma família de 12 filhos, em Salvador (BA). Narravam as dificuldades em sustentar uma casa com tanta gente, o trabalho muito duro e mal remunerado, como a minha bisavó ajudava a família com o seu trabalho e malandragens. Minha mãe falava de cada irmão e suas travessuras, o que eles passavam pra chegar até a escola, como era a escola, os professores, como era vida sem televisão, tantas e tantas histórias que me deslumbravam, mas o que mais me impressionava eram as histórias de escravos, espíritos zombeteiros, assombrações e engraçadas superstições. Vivi uma boa fase de oralidade, com as narrativas da família da minha mãe. Quando os irmãos se reuniam, sempre havia muitos “causos” pra contar.

Por parte de pai, entraram os livros. O meu pai lia de vez em quando algum livro de capa dura, enciclopédias, alguns livros de literatura, mas não era muito constante, era de fase. Hoje posso ver que eram raros momentos de tranquilidade. Eu, sempre curiosa, logo pedia pra ele contar o que lia e ele, entusiasmado, me mostrava e contava sobre um pouco de cada coisa. Ele sempre comprava livros dos ambulantes que passavam de porta em porta vendendo coleções de vários tipos, comprava até os de idiomas.

Durante toda a minha infância morei na Cidade Ocidental, onde aos 7 anos fui pela primeira vez à escola. Lá era tudo de bom e tudo de ruim, divertido e muito frustrante. Na escola comecei a vida fora da família, vivenciando estar no mundo, me imaginando sozinha, apesar de realmente nunca ter estado sozinha. Meus irmãos estudavam na mesma escola e eu ia até a sala deles para visitá-los, assim me sentia segura naquela escola gigante, cheia de gente de todas as idades. Era a única escola pública da cidade, que se chamava CEO, “cê-é-ó: entra burro e sai pior”, assim falávamos.

Mas na escola não havia espaço para livros, só lembro-me de livros didáticos, na biblioteca só havia livros didáticos antigos já usados e dicionários. Era muito desestimulante...

Quando meu pai chegava em casa com outros livros ou revistas, era o máximo, eu adorava saber um pouco mais. Minha irmã maior gostava de revistinha da Mônica, mas eu não tinha paciência, achava um pouco chato, meu irmão mais velho lia romance policial, eu

também achava chato, minha mãe adorava caça palavras, palavras cruzadas e outras revistinhas de jogos com palavras, o que eu também não gostava. Assim fui crescendo sem me identificar com leitura específica. Aí vieram os diários, muitos e muitos diários até os 13 anos, muita brincadeira na rua, muita criança na rua, muitas histórias para narrar no meu diário. O diário era o meu lugar: nele tudo era possível e eu sabia que eu não escrevia corretamente, mas me sentia livre de tudo até mesmo de me corrigir. Já na escola, as minhas redações nunca eram boas, minhas notas nunca eram boas, nada que eu fizesse era bom o suficiente, mas seguia com muita esperança de que um dia eu poderia ser uma professora ou uma veterinária.

Dos 13 em diante, comecei a querer me aproximar do meu irmão mais velho, que tocava guitarra, era rebelde e lia livros anarquistas. Ele era contra tudo e todos, ótimo! Era sobre isso que eu queria saber mais, tinha algo de errado na vida adulta, eu não queria crescer, tinha medo de ser adulta a cada aniversário eu ficava triste, eu tinha plena consciência que a infância era a melhor fase da vida, mas eu tinha que aceitar o futuro, a verdade. Meu irmão, muito generoso e compreensivo, me incluiu no seu bando, era somente eu de mulher nas rodas de conversas sobre Deus, Diabo, economia, filosofia, músicas, comunismo, consumismo e anarquismo. Nessa fase também veio o teatro, soma terapia e adorei Roberto Freire (Ame e Dê Vexame). Aos 15, já tinha lido livros e livros políticos, tudo o que me interessava eram os teóricos anarquistas, como Bakunin, Malatesta, Proudhon, Roberto Freire, Ézio Flávio Bazo, e muitos outros autores que já não me lembro mais. Logo percebi que já tinha material pra seguir a vida sem o meu irmão, com 16 já tinha a minha turma de amigos. Desde a infância nunca tinha deixado de dançar, fazia *ballet* teatro e logo descobri o Espaço Cultural da 508 sul. Lá, eu encontrei as artes e comecei a ler sobre movimentos artísticos, a história da arte, música e artes plásticas. Tudo era associado à liberdade e ao autoconhecimento.

Mas a maior transformação foi estudar a técnica de dança contemporânea chamada contato e improvisação. Comecei a ler sobre expressão corporal, anatomia emocional, medicina chinesa, fisiologia, vegetarianismo, massagens ... Fui deixando as leituras políticas de lado e logo me interessei por esse universo filosófico oriental. A espiritualidade não dogmática religiosa, seria o início de uma verdadeira transformação, as minhas perguntas estavam sendo respondidas e minhas respostas para tudo eram questionadas, e assim tive a oportunidade de me pôr em xeque. Encontrei uma monja indiana, que queria que eu fosse professora de yoga, e eu topei. Ela me mandou para Minas Gerais,

onde tive que passar por um rigoroso treinamento de práticas e estudos. Estudos filosóficos sobre o *tantra*, jejuns, *asanas*, *chakras*, educação Neo-Humanista, muita meditação. Fiquei nesse treinamento por 4 meses. Foi um período muito duro, mas também um dos momentos em que com mais intensidade experimentei a expansão da mente.

Voltei para a vida na Cidade Ocidental para passar por um intenso choque de realidades. O que vivenciei nesse treinamento foi tão poderoso que me possibilitou ver o mundo de maneira integral. Eu sabia que tudo aquilo que tinha me questionado aos 13, só naquele momento fazia sentido. Tudo o que vivenciei fazia sentido e estavam conectados para potencializar as experiências no treinamento. Os textos anarquistas, as artes, o corpo, o espiritual deveriam estar todos unidos contribuindo para mudar a sociedade, como? Por uma revolução imposta ou pelo caminho da educação? Passei um tempo trabalhando uma maneira de aplicar isso na educação, trabalhei um tempo em escolas que possuem essa proposta, no caso educação Neo-Humanista. Com a elaboração de trabalho simples, ainda incompleto, trabalhei em ONGs, na Venezuela, Colômbia, adaptei o trabalho para uma escola em Costa Rica, fizemos treinamento para educadores em Costa Rica e Nicarágua e simultaneamente sempre dançando, fazendo artes e yoga.

Depois de muitas inquietações decidi voltar pro Brasil para estudar, sabia que tinha que estudar pedagogia tradicional e a pedagogia Waldorf que tinha acabado de conhecer na América Central e dialogava com o que eu pesquisava em educação e espiritualidade. Adoro a contradição desses dois cursos, adoro os textos universitários e os textos filosóficos e espirituais da antroposofia, que me faz retomar o cristianismo de maneira mais holística, mística e profunda como uma experiência parecida à que vivenciei nos estudos sobre tantra e educação Neo-Humanista.

Me sinto feliz em fazer parte de uma nova onda educacional que se baseia na espiritualidade, artes, cultura e desenvolvimento social. Eis que surge a revolução educacional baseada no amor à vida, em atitudes fraternais e no autoconhecimento.

PARTE II:**ENSAIO**

INTRODUÇÃO

Há muito se sabe que a educação vivencia uma profunda crise, gerando grande insatisfação entre profissionais e estudantes, contribuindo para a manutenção de uma sociedade supérflua, competitiva e desintegrada. A escola em nenhuma instância consegue encontrar soluções que evitem a exclusão e a humilhação, assim como danos físicos, morais, intelectuais e emocionais.

Sabemos que a escola é o espelho de sua sociedade. Apesar de existirem distintas realidades na cultura brasileira, toda escola, seja para o pobre ou para rico, tem como meta uma visão mercadológica e reprodutiva de modelos neoliberais de educação, valorizando apenas os conteúdos de maior peso acadêmico, deixando de lado a importância de desenvolver as potencialidades humanas ligadas às artes, relações humanas, o corpo, culturas e propiciar diálogos sobre relações horizontais que incluam toda a diversidade da vida. A escola, principalmente nos anos iniciais, poderia ser um espaço acolhedor e inspirador para aumentar a vontade de conhecimento, para ampliar o sentido estético e cultural, descobrir-se, permitir novas vivências corporais e criativas para que nos anos vindouros os estudantes tenham repertório e a oportunidade de aprofundar nos discursos sobre uma visão mais integradora do ser humano e os professores sempre estarem motivados em novas formas de aprender e ensinar.

A crise se inicia na formação do profissional de pedagogia, que se revela totalmente fragmentado, sem identidade, sem vida, imerso em conflitos internos, parecendo estar sempre aquém da realidade escolar. O curso de pedagogia deveria ser uma comunidade criativa, viva, pulsante, que fomente a todos a romperem seus próprios limites e serem ousados, seguros de suas potencialidades físicas, mentais e espirituais. Acabar com a monotonia intelectual acadêmica é o primeiro passo para formar outra mentalidade de professores, mais propícia a mover-se, criar, motivar e enfrentar os desafios contemporâneos.

Os novos estudantes já nascem de olhos abertos e não aceitam mais a retrógrada forma unilateral, que valoriza apenas o macro-intelecto mecânico e servil. A decadência da educação está em fragmentar o ser humano e desvitalizá-lo, tornando insuportáveis os anos escolares, por serem cada vez mais conteudistas, autoritários e alienantes.

Reprimir o corpo, o movimento, os diálogos, as intrigas, os afetos, os olhares, as criatividades, as ideias, as emoções, a fala, a expansão e contração em sala de aula, é como parar de respirar. O estudante não tolera mais o professor dogmático, inseguro, que não seja digno de sua profissão, que não se trabalha, não se abre para o novo e suas possibilidades.

Existem inúmeras escolas e projetos exitosos que ousaram, mudaram e obtiveram êxito. Mesmo o professor sozinho em sua sala de aula, em ambientes escolares tradicionais e limitados, a cada dia aprimora o seu trabalho e sua relação com os estudantes. O professor tem em suas mãos todas as possibilidades de ajudar cada criança a florescer com alegria, manter o entusiasmo pela vida e encorajá-los a embarcar na grande aventura do autoconhecimento.

Para embarcar na aventura do homem pleno, o corpo não pode estar sentado durante quase 5 horas. Toda criança precisa brincar e se mover para se desenvolver saudavelmente. Cada vez mais cedo, as crianças vão se moldando ao ensino de massa, cada vez mais homogeneizado e sendo obrigadas a desenvolverem apenas os aspectos intelectuais, inibido o corpo o movimento que é vida e saúde.

A maioria das escolas possui seu mecanismo para inibir o movimento e não conduzi-lo para algo mais saudável, criativo que gere autoconhecimento. Inibir a inteligência corporal resulta em uma catastrófica realidade de crianças que não sabem se relacionar com o seu próprio corpo, possuem inúmeras dificuldades motoras, e ações desajustadas, como uso exagerado da força, mente acelerada, falta de equilíbrio espacial entre outros, uma verdadeira crise motora.

Assuntos ligados à espiritualidade estão delegados às famílias e as instituições religiosas dogmáticas. Sem autoconhecimento não há maneira de interagir com a própria espiritualidade, autoconhecimento é o primeiro passo para sermos plenos de forma harmoniosa e integral.

O maior desafio para a educação é proporcionar ambientes e meios para que cada criança seja feliz e se sinta realizada com sua infância. Posteriormente, quando adulta, busque com autonomia e realização de seus sonhos. Sabe-se que a vida é altamente complexa e não há maneiras de homogeneizar sem sofrimentos e frustrações para ambas as partes envolvidas no ensino e aprendizagem. A educação que pretende formar para cidadania e não busca contemplar as necessidades individuais internas e motivá-las à cooperação social, rejeita enriquecer-se e dar vida aos conteúdos. Trabalhar de maneira sempre parcial, rígida e

mecânica, reduz ainda mais as chances de alcançar a plenitude, a autorrealização e a tão desejada autonomia. Educar para a autonomia é abraçar o homem por inteiro, proporcionar um ambiente acolhedor para as complexidades individuais e coletivas, sem deixar de envolver todos os outros seres vivos, todos autoeducando-se para uma cidadania baseada na cooperação e autorrealização.

Nesse contexto, a Pedagogia Neo-Humanista – ou, talvez mais corretamente, as Pedagogias Neo-Humanistas - pode ser percebida como um caminho que buscamos aprofundar neste ensaio. A opção por um ensaio resulta da natureza do tema e da maior liberdade para desenvolvê-lo que esse formato proporciona.

É objetivo principal deste trabalho refletir acerca de um novo olhar sobre a educação a partir da Pedagogia Neo-Humanista. Estabelecemos os seguintes objetivos específicos: criticar uma educação fundamentada no paradigma racionalista-materialista; pesquisar as origens, princípios e valores da educação Neo-Humanista; ressaltar a importância da espiritualidade em uma educação Neo-Humanista; e refletir acerca dos caminhos da Educação Neo-Humanista no Brasil.

PRIMEIRA PARTE: POR UM MUNDO EM QUE CAIBA O TODO

SOCIEDADE MATERIALISTA

Numa determinada época do século XIX surge a cosmovisão materialista. Esta cosmovisão tem interesses – que se desviam do ser humano – que desenvolvem nos educadores uma imensa indiferença em relação às emoções anímicas íntimas do ser humano a ser educado.

(Rudolf Steiner)

[...] o consumo que é hoje o grande fundamentalismo, esse sim que é o grande fundamentalismo.

(Milton Santos)

A atual crise na educação é parte de uma crise social maior, uma crise de valores. As sociedades espalhadas pelo globo terrestre foram, em sua maioria, gradualmente se aproximando em suas características gerais, devido, entre outros fatores, à consolidação da globalização iniciada no final do século XX. Desde então, o modelo social e político mais aceito no mundo ocidental têm sido as democracias capitalistas, fundamentadas na democracia representativa como sistema político impulsionando um sistema econômico neoliberal (SOUSA SANTOS, 2002). Tal situação não se restringe às trocas comerciais, afetando todo o ambiente social e inclusive o modo de pensar das pessoas. A ideia de que a maximização dos lucros é o maior objetivo a ser alcançado e que para isso tudo, ou quase, é permitido, leva não só às práticas econômicas e políticas baseadas no livre-comércio e privatizações, mas também influencia as áreas da vida não diretamente relacionadas à economia. Assim, o materialismo e o individualismo se tornaram tão comuns e “naturais” que são pouco questionados e fazem parte dos valores morais da pós-modernidade. Essa mentalidade, essencialmente mercadológica, permite degenerações sociais, legitima a existência da pobreza (resultado do modelo econômico associado), prejudica o crescimento local em favor da imposição de estruturas globais e viabiliza que a lei do mais forte,

tanto nas relações entre países, com os países mais ricos impondo regras usurpadoras aos países mais pobres, como nas relações humanas. Ao mesmo tempo, as grandes empresas constituem um centro móvel do mundo, escapando ao controle dos Estados, sem responsabilidade social nem moral, desorganizando territórios tanto socialmente como moralmente (SANTOS, 1997)

Hoje, podemos observar o que acontece em qualquer parte do planeta, por meio de tecnologias que tornam acessíveis toda forma de conhecimento e informação que queiramos adquirir. Porém, diante de tanta evolução tecnológica e de bens materiais que supostamente nos dariam mais liberdade para sermos plenos em nossas capacidades individuais, paradoxalmente surgem abismos existenciais que nos aprisionam e nos tornam inseguros, ansiosos, confusos e sem direção, em uma sociedade que valoriza a competitividade, o individualismo, o consumo exacerbado e uma visão de mundo vulgar e materialista. Assim, toma forma uma crise geral de valores, da qual as crises econômicas recentes são apenas o aspecto mais evidente, e que atinge todo o planeta de modo indistinto, com “crises” podendo estourar a qualquer momento em qualquer parte.

Desse modo, a sociedade urbana contemporânea e sua visão de mundo voltada para o modelo capitalista retiram o alicerce moral-espiritual das pessoas, para que a mentalidade neoliberal seja imposta com mais eficiência, de forma natural, como supõe o darwinismo social, tornando as relações humanas segregadoras, resultando em sociedades egocêntricas, violentas, coordenadas por uma economia cruel e destruidora dos recursos naturais.

Pela primeira vez na história da humanidade, o desenvolvimento econômico da tecnologia e das forças produtivas está pondo gravemente em perigo a nossa própria sobrevivência como espécie. Aquele velho sonho herdeiro da ilustração, de que o desenvolvimento da ciência permitiria assegurar um futuro feliz de desenvolvimento econômico e de bem-estar para todos os seres humanos desvaneceu-se.

(BATALLOSO, 2011, p. 121)

As grandes escolas privadas acompanham esse ritmo tecnológico e hoje são tidas como modelo de vanguarda educacional. Grande parte do discurso sobre políticas públicas compreende propostas para que as escolas públicas consigam aderir ao ritmo de informação e conhecimento tal qual as escolas privadas, consideradas competentes e modernas. Parte dessa reforma educacional implica em equipar as escolas públicas tecnologicamente, tornando-as mais atualizadas e competitivas, no âmbito do ranqueamento proposto pelos sistemas de avaliação nacionais. A visão neoliberal de educação não tem

interesse em aprimorar as relações humanas em sala de aula, não se interessa pelas necessidades individuais e pela conexão afetiva entre aluno e professor. Existe a crença de que equipar as salas de aulas com *e-boards*, *laptops*, *wi-fi* e outras tecnologias irá favorecer o ensino, com professores aprisionados em uma grave crise do sistema educacional. Mas, será que todos os problemas se resolverão com tecnologias? Será que o ranqueamento e os sistemas de avaliações podem mediar os conflitos internos de cada instituição? Essas questões não são consideradas relevantes de fato, diante das inúmeras possibilidades de mercado que se abrirão no futuro. O que importa é que todos possam estar ligados na tomada do “conhecimento”, da “informação”, para aprimorar o futuro profissional, adequando-o ao mercado de trabalho.

A crueldade velada dessa forma de pensar é que se incute nas crianças a crença da necessidade do conhecimento conteudista escolar como solução para a árdua competição do mercado de trabalho. Com essa eterna sensação de insegurança é bastante comum encontrar pais que aderem a essa pressão social, exigindo eles próprios das escolas comportamentos que reproduzem os estereótipos sociais, tais como; individualismo, competitividade, egocentrismo, intolerância, medos, inseguranças, complexos de superioridade ou de inferioridade, apatia, compulsões e uma infinidade de arquétipos que configuram uma personalidade moldada para servir ao sistema de forma inquestionável.

INFÂNCIA E ESCOLA

Uma das mais graves consequências de um modelo materialista de educação é a substituição de valores humanos por outros, típicos de uma sociedade voltada para o mercado e o consumo. As escolas, principalmente as particulares, investem bastante na alfabetização prematura. Utilizam a vontade de aprender das crianças de 3 aos 5 anos e iniciam um processo intelectual abstrato, “morto”, linear, racional e resulta por absorver a energia que está disponível para um desenvolvimento integral. Josef David Yaari, criador da Pedagogia Clínica Biográfica, em seu artigo “O primeiro Setênio da Biografia Humana”, comenta:

A criança não pode aceitar uma definição estática, acabada. Ela só pode conviver com algo móvel, vivo, que lhe dê condições de crescer. Por isso é que ela pode erigir castelos com blocos de madeira, ou areia, para logo em seguida derrubá-los. É seu metabolismo, sua metamorfose. Ela forma e plasma o seu corpo, formando a “casa” que irá abrigar, no segundo setênio, sua base psicológica.

(YAARI, 2014, s/p)

Quando as escolas de ensino tradicional realizam a alfabetização, de maneira geral não conseguem realizar nem sequer uma proposta pedagógica que se aproxime da ampla necessidade da criança, não estabelecem diálogos com o universo onírico infantil. Teoricamente afirmam alfabetizar de maneira lúdica, respeitando as características de seu desenvolvimento, individualidade e tempo. Na prática, não há na maioria das escolas uma alfabetização que poderia ocorrer por meio do movimento, das brincadeiras tradicionais, de atividades sensoriais e afetivas.

A força vital de uma criança quando direcionada a atividades que inibem o movimento, a uma concentração passiva e atitudes que só refletem um bom condicionamento físico, evidencia a expulsão da infância do paraíso. O processo de alfabetização prematura realizada sem o devido respeito a cada individualidade e seu tempo de aprendizagem imerso em um ambiente lúdico, convida à criança a travar as forças vitais, desorganizando o sistema natural de aprendizagem causando vários transtornos físicos e psicológicos, por não conduzir as forças formativas para seu destino necessário.

Estudando a atual neurociência, já foi demonstrado que dos 5 aos 7 anos ocorre o término da mielinização dos nervos, ou seja, a bainha de mielina recobre os nervos que, assim, protegidos, vão encerrando sua fase de reorganização física do corpo. Por isso a intelectualização precoce, mormente a alfabetização, pode ser muito danosa ao organismo, pois exige uma dedicação extra das forças formativas, que estão ocupadas com o físico, para o atendimento de uma solicitação psicológica. Os resultados são as conhecidas dislexias, dislalias ou outros sintomas tão comuns no mundo atual, além do fato de que a perturbação da organização do corpo para que este possa ser instrumento do Eu, a longo prazo, poderá causar doenças crônicas de mineralização (cálculos renais, hepáticos, etc.).

(YAARI, 2014, s/p)

Nos dias de hoje existe uma necessidade social que pais e mães estejam trabalhando fora de casa, sendo comum a decisão por uma creche após o término da licença maternidade. Quando as crianças têm a possibilidade de ficar no âmbito familiar, iniciam o seu período escolar com dois anos de idade em média, dão entrada no maternal e seguem para o jardim de infância. Nesse momento de maior importância que é a primeira infância é iniciada a escolarização, sempre com o discurso mais acolhedor e propício para a tenra idade, porém a prática denota a falta de preocupação em compreender as necessidades de um ser no presente, pois as demandas sempre se aproximam de uma neurótica pedagogização para o futuro profissional. As escolas estão desfavorecendo o único momento de plena espontaneidade, beleza, pureza, alegria, encantamento com o mundo, a fase mais importante da vida: é a querida infância que está sendo devastada.

Assim, a escola se compromete em interromper e desvirtuar o processo de desenvolvimento infantil por uma cobrança social, pelos avanços tecnológicos e por uma mentalidade competitiva. Hoje é admirável se ver crianças de 3 ou 4 anos de idade sentadas em cadeiras escolares, aprendendo de forma “lúdica” a ler e a escrever, aprendendo as novas tecnologias, sendo pressionadas a se comportarem por horas dentro de uma sala de aula, sentadas, caladas, tendo restringido seu tempo de brincar livremente e de vivenciar um momento relaxante e criativo.

A alfabetização prematura vem atender o novo e acelerado ritmo social, vai de encontro as novas necessidades familiares e sociais. Para esse novo olhar, alfabetizar precocemente sugere uma independência, um ótimo estímulo cognitivo e presume um maior rendimento escolar, por disponibilizar desde cedo um pré-requisito para se ter acesso ao pesado conteúdo escolar dos anos seguintes, além de estarem mais aptos para o mundo do consumo.

A alfabetização é, sem dúvida, um marco, uma iniciação ao universo adulto; segundo Postman (1999), é por meio da leitura que são revelados os segredos dos adultos. Em seu livro *O Fim da Infância*, o autor faz uma crítica contundente à televisão e outros meios de comunicação, assim como faz referência à alfabetização precoce como uma das maneiras de acabar com a infância.

[...] com isso Jean Jacques Rousseau, o grande defensor do bom selvagem, concordaria prontamente, e complementaria que, para viver o mais próximo possível da natureza, os homens devem desprezar os livros e a leitura. Em Emílio ele nos conta que "ler é o flagelo da infância, porque os livros nos ensinam a falar de coisas das quais nada sabemos." Rousseau, creio, está correto, se entendermos que ele quer dizer que a leitura é o fim da infância permanente e que ela destrói a psicologia e a sociologia da oralidade. Visto que torna possível entrar num mundo de conhecimento não observável e abstrato, a leitura cria uma separação entre os que podem e os que não podem ler. A leitura é o flagelo da infância porque, em certo sentido, cria a idade adulta. A literatura de todos os tipos, inclusive mapas, gráficos, contratos e escrituras - reúne e guarda segredos valiosos. Assim, num mundo letrado, ser adulto implica ter acesso a segredos culturais codificados em símbolos não naturais [...].

(POSTMAN, 1999, p. 18)

Qual é a vantagem em alfabetizar crianças na primeira infância? Por que tanta pressa? Brincar corresponde a tudo que uma criança precisa para o seu desenvolvimento saudável, não existem vantagens na alfabetização precoce se comparada com o universo do brincar: alfabetizar na primeira infância não garante mais inteligência. Vigotsky afirma que a brincadeira é suficiente para que a criança conquiste uma vida saudável e mais possibilidades

de criar novas estruturas mentais, para novas aquisições e para a maturidade. Segundo Vigotsky (1991), citado por Escovar (2010), o jogo é a atividade que mais proporciona desenvolvimento à psique da criança na idade pré-escolar, gerando uma formação e uma aprendizagem que criam, por sua vez, novas estruturas mentais para novas aquisições e para a maturidade. O jogo é a atividade principal, porque com a brincadeira se garante o conhecimento do mundo pela criança.

VIDA PRECOCE

Há um excesso de informações ao público infantil nas diversas mídias, com inúmeras opções de canais de televisão para crianças de todas as idades e também uma vasta quantidade de publicações destinadas a este público. Os programas e literaturas classificam a faixa etária indicada ao conteúdo abordado. Entretanto, é comum ocorrer uma subclassificação, ou seja, o tema ou a maneira com que é abordado estaria melhor qualificado para uma faixa etária maior. A mídia não costuma separar claramente o tipo de conteúdo e a abordagem correta para cada idade; não se pensa na classificação indicativa dos programas tendo em vista uma diferenciação da primeira infância (0 a 7 anos) para a segunda infância (7 a 14). Apesar de algumas mídias respeitarem essa distinção, a maioria das decisões fica a critério dos pais, que também não sabem muitas vezes como orientar ou mesmo julgar qual seria o conteúdo adequado para a faixa etária do seu filho. De fato, não é fácil os pais distinguirem o que é adequado: geralmente os filhos acompanham todos os programas televisivos, já possuem uma bagagem de horas de telejornais, novelas, filmes e não existem mais tantas coisas pra serem reveladas em seu momento correto, pois as realidades e as ficções do universo adulto já foram mostradas de maneira explícita.

As consequências negativas dessa exposição, desse anseio pelo universo adulto, é que muito antes de finalizarem a infância, se tornam equivocados da sua presença no mundo, tornando-se vulneráveis às experiências prejudiciais. Pode-se desenvolver uma ilusão de autocontrole, uma consciência imatura, o sentimento de que já sabem de tudo, e, no entanto, são apenas pseudoadultos suscetíveis a um desgaste físico, emocional e mental, antes mesmo de se tornarem verdadeiros adultos. A cada geração vem crescendo a quantidade de pseudoadultos, crianças precoces, que vivem em velocidade máxima.

RUMO AO VAZIO

Augusto Cury, em seu livro, *Ansiedade - Como enfrentar o mal do século* (2013), comenta que após uma palestra para estudantes de ensino médio sobre Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA), notou que a maioria da sua plateia estava em déficit de vitalidade e desejo pela vida:

Ao falar para aquela plateia, sabia que, em todo o mundo, os jovens raramente viviam o sonho de Platão (o prazer de aprender), de Paulo Freire (ter autonomia, opinião própria), de Jean Paul Sartre (ser dono do próprio destino), de Freud (um ego que vive o princípio do prazer com maturidade), de Viktor Frankl (um ser humano em busca do sentido existencial) e o meu sonho (o desenvolvimento de um Eu maduro, capaz de proteger a emoção, gerenciar pensamentos e trabalhar outras funções complexas da inteligência para aprender a ser autor da própria história).

(CURY, 2013, p. 19)

Quando se trata de estudantes de ensino médio estressados, estafados com excesso de conteúdo, intermináveis horas de estudos e muita pressão social pelo ingresso universitário, apesar da crueldade dessa situação, sabemos que esse já se tornou um caminho praticamente natural e esperado para essa fase da vida. No entanto, horror ainda maior é ter pressão escolar conteudista para crianças do jardim até o ensino fundamental, que são expostas a uma rígida disciplina, submetidas a extensos deveres de casa, grandes quantidades de provas, simulados, já com o foco na preparação para o longínquo ingresso no 3º grau. Recentemente, uma escola de Brasília lançou um projeto inovador, do qual se orgulham em propagandear, em que já cobram de seus alunos do Ensino Fundamental II conteúdos que caem em concurso público. Sendo assim, não é de se surpreender que exista cada vez menos interesse pela escola durante a e adolescência, que exista um total desinteresse por estudar, pois não há nada mais prejudicial para a saúde integral do que a falta de vontade, decorrente de uma desumana proposta pedagógica, que ignora completamente as necessidades reais de uma vida saudável durante a infância, adotada por escolas erroneamente consideradas pela sociedade como altamente competentes. Esse equívoco é gerado por uma sociedade doente, desvirtuada, com a perspectiva voltada somente para o mercado de trabalho e o consumo, desprezando a vida anímica, desrespeitando o ser humano e suas possibilidades de experimentar a felicidade, a liberdade e a qualidade de vida, pois não oferece oportunidades de uma infância saudável, com o brincar livre e criativo. É como envenenar a raiz de uma árvore da qual se esperam belos e abundantes frutos.

[...] Eu parei, olhei para os professores e perguntei; “O que estão fazendo com os filhos da humanidade?”. Não me contive. Afirmei que, apesar de os professores serem os profissionais mais importantes da sociedade, o sistema educacional clássico está doente, formando pessoas doentes para uma sociedade estressante, pois leva alunos, da pré-escola à pós-graduação, a conhecer milhões de dados sobre o mundo em que estamos, mas quase nada sobre o mundo que somos, o planeta psíquico.

[...] Muitas escolas nas Américas, na Europa, na África, e na Ásia podem formar técnicos com maestria, mas têm um débito enorme na formação de pensadores capazes de desenvolver mentes livres e emoções saudáveis.

[...] Infelizmente, em todo mundo, neurologistas, psiquiatras e psicopedagogos estão fazendo diagnósticos errados. Ao verem um jovem desconcentrado, irritado, inquieto, com baixo limiar para frustração, diagnosticam como hiperatividade ou transtorno de déficit de atenção, em vez de SPA [...].

(CURY, 2013, p. 20-21)

A escola clássica, pública ou privada, está a serviço do sistema vigente. Historicamente, sempre causou estragos em grande parcela de estudantes, pois sempre esteve submetida a demandas externas, atendendo interesses do Estado ou de exigências vindas de classes sociais. O discurso em torno da precarização da educação pública demanda recursos para infraestrutura, melhores condições trabalhistas e salários dos professores, questões básicas que se sanadas equivaleriam as escolas públicas ao modelo da educação privada. Contudo, a educação clássica, seja ela privada ou pública, anseia por modelos tecnológicos de educação. As tecnologias são os ícones de uma sociedade pós-moderna e também passam a ser referências de como devemos agir: rápidos, lógicos e precisos, mas a realidade complexa do ser humano, principalmente em sala de aula, contrasta com a imagem idealizada de ordem e progresso imposta pela tecnologia.

Ensino e aprendizagem envolvem sentimentos, técnica, psicologia, conhecimento, estética, vontade, artes, preparação, tempo, dedicação, racionalidade, espaço, disciplina, movimento, imaginação, muita criatividade e outros quesitos que são incompatíveis com a educação atual, uma educação unilateral, baseada apenas no cognitivo e nas novas tecnologias.

Não há como evitar as complexidades humanas. A educação integral busca atender os três aspectos do ser humano, físico (saúde física e emocional), mental (cognição) e espiritual (valores morais e ecológicos); uma educação que não contempla os aspectos básicos do homem não pode garantir êxito sequer profissional, já que os profissionais desequilibrados causam transtorno nas relações interpessoais, tendem a adoecer e desenvolver depressão.

Segundo Cury (2013), a depressão abarca um número assombroso de pessoas na sociedade moderna; de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), 20% da

população do planeta, cedo ou tarde desenvolverá a depressão. Porém, a Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) atinge mais de 80% dos indivíduos de todas as idades, de alunos a professores, de intelectuais a iletrados, de médicos a pacientes, todos em um ritmo frenético em direção a uma vida sem sentido e cheia de enfermidades.

Sem perceber, a sociedade moderna - consumista, rápida e estressante - alterou o que deveria ser inviolável, o ritmo de construção de pensamentos, gerando consequências seríssimas para a saúde emocional, o prazer de viver, o desenvolvimento da inteligência, a criatividade e a sustentabilidade das relações sociais. Adoecemos coletivamente. Este é um grito de alerta.

(CURY, 2013, p. 17.)

UM NOVO OLHAR

Este panorama desalentador na educação, quando não francamente catastrófico (dependendo para onde e como se olha), representa não só mais um elemento de uma crise maior, mas a base de um colapso social que se manifesta em todas as dimensões da sociedade, como a política, a economia, a saúde, a urbanização, o meio ambiente.

No entanto, o caminho materialista pós-moderno alcançou uma magnitude tal que gera reflexões em muitos segmentos sociais, principalmente nas áreas da educação e da saúde pública. Assim sendo, em meio às críticas ao pensamento dominante aparece uma imagem onírica, que emerge de um anseio de fuga e liberdade. Esta imagem se refere a um futuro novo, baseado em ensinamentos adormecidos do passado e de percepções novas do presente, que contemplem os aspectos mais sensíveis do homem, os valores anímicos, coletivos e individuais. Uma sociedade que se fundamenta na cooperação para superar os desafios, uma sociedade que não teme em reconhecer o subjetivo e o sensível. Porém, não se deve esperar que as iniciativas de mudanças partam do Estado. A história mostra que isso raramente aconteceu. As iniciativas surgem sim de indivíduos, coletivos, movimentos sociais, da organização popular. Para que esse novo paradigma aconteça, sobretudo no âmbito da educação, problemas são oportunidades para desenvolvermos a nossa criatividade, buscarmos soluções para um futuro mais saudável e mostrar que sempre é possível realizar mudanças. O que vivemos hoje é como a metáfora da Lagarta:

A lagarta representa, vamos dizer, sete bilhões de células vivendo debaixo da mesma pele. Cada célula é um cidadão. E adivinhem? Elas são multidão como nós, estão trabalhando todos os dias, células no sistema digestivo estão levando a comida,

quebrando-a e fazendo produtos disto. Algumas células são células de mobilidade. Estas são células que movem a lagarta - estruturas como as nossas autoestradas com caminhões e veículos carregando materiais para todo lugar. Alguma coisa assim. Células do sistema de imunidade estão fazendo seu trabalho de proteger o sistema. O sistema respiratório está cuidando para estar certo de que oxigênio fresco está sendo transportado. Assim, todas as células têm seu trabalho. A lagarta está crescendo. Se você estivesse lá e fosse um repórter, você olharia em torno, "Sim, a economia está crescendo enormemente, está crescendo diariamente, todos estão trabalhando, pleno emprego; esta é a espécie de coisa que amamos ver. Quanto estamos crescendo todos os dias, qual o percentual, cada dia." E então, a lagarta alcança um certo estágio no crescimento, e neste estágio de crescimento, ela para de comer, ela não aguenta mais neste ponto. Ela atingiu seu tamanho máximo. Então, se você fosse uma célula no interior daquela comunidade, imagine o que poderia acontecer, você está no trabalho e repentinamente há menos comida chegando e você é o centro digestivo dizendo, 'Bem, homem, o trabalho está diminuindo aqui, a fábrica está devagar.' Assim, repentinamente a coisa chega a um nível tão baixo que muitas células são despedidas do trabalho. Agora há células que não estão trabalhando. Por que? Não há comida bastante chegando para manter todas elas trabalhando. E como os alimentos acabaram, os outros trabalhos são afetados, por que se não há alimento, não há energia, e todo o sistema começa a despedir as células, e muito cedo, há um caos massivo debaixo da pele da lagarta. Porque? O sistema parou de crescer, as células estão fora do trabalho, nada está evoluindo e as coisas estão caindo aos pedaços. Se você fosse uma célula naquele corpo de lagarta naquele momento, você olharia em torno e diria, Oh meu Deus, nosso mundo está chegando ao fim!" No entanto, no meio daqueles bilhões de células, entre elas há outras células idênticas geneticamente a elas, não diferentes, mas elas pensam diferentemente, elas respondem diferentemente. Estas células têm o interessante nome chamado "células imaginais"*, e estas células imaginativas veem com uma nova visão, e o que acontece é, no meio de todo este caos, quando todas as outras células estão correndo, pensando, o fim do mundo está chegando, as novas imaginativas células estão dispondo novas ideias, novas visões, um novo plano, um novo esquema, um novo meio de vida, e em torno destas ideias as células reorganizam-se. Elas começam a criar novas organizações massivas para criar alguma coisa muito mais fabulosa do que o prévio sistema. Um sistema muito mais sustentável, um sistema com um mais alto nível de evolução, e este sistema eles estão construindo chamado 'a borboleta.' Assim há uma transição de um velho mundo da lagarta com um sistema de crenças e um velho meio de vida que não era mais sustentável. E consequentemente você tem duas escolhas neste mundo neste momento: Você pode manter o seu status de lagarta e dizer, 'Ai meu Deus, o céu está caindo!' e ficar com medo, ou você pode dizer, 'A lagarta está indo. Eu quero construir a borboleta.' Por quê? Porque se eu me tornar ativo e positivo no processo de construção da borboleta, eu estou engajado, eu estou trabalhando, estamos criando o futuro. Se eu sentar e lamentar a perda da lagarta, então eu estou me tornando doente e tudo ao meu redor. Por quê? Eu não estou contribuindo para a nossa evolução. E assim, onde estamos? Estamos nos estertores do estágio da lagarta da civilização e da ascensão da borboleta.

(LIPTON, 2013)

SEGUNDA PARTE: SEMENTES DA TRANSCENDÊNCIA

“Eu tenho uma *inciência*, que faz eu construir as coisas. As idéias estão na minha *inciência*, e para vocês verem eu preciso construir as coisas.”

(frase de uma criança de 5 anos, PEREIRA, 2013, p. 135)

OLHOS FECHADOS E MENTES ABERTAS

A espiritualidade é um potencial inerente ao ser humano, sobre a qual pouco sabemos. Apesar de uma vasta variedade de publicações sobre o tema, ainda vivemos rodeados de dúvidas, receios, temores e desconhecimento. No ocidente, o homem é representado de forma dualista, o corpo e a mente, não ignorando totalmente o aspecto espiritual, mas delegando a instituições religiosas, filosóficas e até mesmo científicas, aquelas poucas que pesquisam temas místicos, a busca de perguntas e respostas neste tema. No decorrer da história da humanidade, a espiritualidade vem assumindo vários papéis e significados. Do ponto de vista cultural, ganha inúmeros contornos, interpretações e identidades. Do científico, o ocidente vem rompendo paradigmas e se aproxima novamente da espiritualidade (lembrando que a Metafísica em Aristóteles já se ocupava de pensar sobre o supracensível) sem um compromisso religioso, ao estudar a física moderna e a neurociência espiritual.

A sociedade contemporânea vive profundos paradoxos relacionados a um excesso de demandas sociais de cunho materialista. Há um estímulo às inversões de valores, distanciando os indivíduos de práticas pessoais ou coletivas que propiciem introspecção, pausa, respiração, escuta de suas necessidades internas e o desenvolvimento de uma vida também interior. Como resposta, a espiritualidade renasce na atmosfera do cotidiano com a expectativa de ser um possível ponto de equilíbrio para harmonizar as convivências, se tornar protagonista de uma nova realidade e trazer mais sentido e contentamento para a vida, já que, por diversas razões, nos conduzimos a um distanciamento de nossa substância e da essência vital que rege a ordem cósmica.

Cuidar da espiritualidade é cultivar a permanente atitude de abertura face a qualquer realidade. É estar disponível ao nó de relações que a própria pessoa é. É viver concretamente a transcendência, quer dizer, não se deixar prender por nenhuma das realidades determinadas, o que não significa não se engajar e assumir com seriedade as responsabilidades. Mas saber estar para além delas; nem afundar-se com elas quando fracassam, nem apegar-se a elas quando triunfam.

(BOFF, 2012, p. 197)

INTEGRALMENTE RACIONAL ?

Ao adentrarmos no campo das pedagogias alternativas, nos deparamos com uma infinidade de propostas educacionais mais sensíveis que se opõem ao modo tradicional de educação. As pedagogias alternativas se destacam pela criatividade, o respeito ao outro, por promoverem o conhecimento de maneira agradável e contextualizada, por não serem autoritárias e assumirem a finalidade de formar seres humanos mais propensos ao equilíbrio, assim como promover uma transformação social. No entanto, muitas das perspectivas pedagógicas que se propõem promover uma educação integral, que contemple as dimensões social e afetiva, além da física, com frequência subordinam estas dimensões ao intelecto. Existe um incentivo predominante para a dimensão intelectual, o que determina uma censura de outras vias de conhecimento e aprendizagem. A sabedoria que brota da espontaneidade, intuitiva e emocional, é muitas vezes tratada de maneira a apenas empoderar o intelecto. Infelizmente, a supremacia intelectual não garante equilíbrio e sabedoria no cotidiano de nossas vidas, pois nem sempre as melhores opções e escolhas são as racionais.

[...] a verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica (...), o racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida, é irracional. (...) A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério.

(MORIN, 2000, p. 23)

A complexidade humana requer a valorização horizontal e a co-atuação entre todas as dimensões: intelectual, sentimental e espiritual.

A consequência imediata dessas constatações é reconhecer que não é possível interferir numa dimensão sem levar em conta as outras. E mais: tem que se atender cada dimensão naquilo que se constitui necessidades próprias dela. O desequilíbrio de uma dimensão, mais cedo ou mais tarde, desequilibrará as outras.

(RÖHR, 2011, p. 57)

As pedagogias alternativas estão envoltas em muita sensibilidade e valores morais, demonstrando uma permeabilidade para a espiritualidade. Todo o esforço criativo, a intenção de humanizar a educação e contribuir para um novo ser humano e uma nova sociedade reverberam de maneira positiva no campo espiritual. Contudo, em uma pedagogia que possui em sua base metodológica a integração dos aspectos espirituais, o educador assume de maneira consciente a responsabilidade de se comprometer com a dimensão espiritual e não apenas de maneira subjacente.

Não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a autoeducação. [...] Toda educação é autoeducação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior.

(STEINER, 2000, apud SILVEIRA, 2011)

COMPROMISSO ESPIRITUAL

Comprometer-se com a dimensão espiritual não pode ser confundido com a difusão do próprio compromisso religioso. Partindo do princípio que a educação deve ser laica e fomentar o respeito entre as religiões, o educador assume o desafio de ir além de sua escolha religiosa, buscar conhecer e fomentar a essência espiritual existente em cada indivíduo sem tendenciar para sua opção religiosa. A exigência maior do educador passa a ser a autoeducação, desenvolver um olhar mais amplo e refinado sobre o desenvolvimento integral, trabalhar em si mesmo a escuta, o silêncio e a fala, de modo a desenvolver a própria sabedoria interna e saber propor caminhos que conduzam ao autoconhecimento, a transformações e descobertas dos tesouros pessoais de seus estudantes. Será com o auxílio do intrépido educador de si que desabrochará em cada criança sua própria centelha divina, que dando vida e sentido ao conhecimento, permitirá à educação despertar todas as dimensões do estudante, que passará a ter bases para desenvolver sua autonomia.

Uma educação que contemple essas dimensões não pode, portanto ser formulada como um processo de acumulação de conhecimento, muito menos como um mecanismo de obtenção de credenciais, pelo contrário, ela procurará impulsionar a realização dessa vocação interior de cada pessoa em particular, e esse princípio original não é outro senão o da própria vida.

(BATALLOSO, 2011, p. 89)

A autoeducação passa a ser, desse modo, um requisito essencial nesta nova perspectiva de integração da espiritualidade na pedagogia, pois o educador se torna o verdadeiro protagonista do despertar interno que cada estudante tem para oferecer.

A autoeducação é considerada como o ativamento de um exercício pessoal para impulsionar a própria capacidade intuitiva e de fantasia do educador, ambas vinculadas com o conhecimento das leis que envolvem o amadurecimento humano. Exercício que pode ser incitado numa perspectiva intrapessoal, ou seja, do profissional que atua com sua individualidade e ideais dentro dessa proposta educativa. O exercício pode explorar a relação interpessoal, investigando como é exercida a ideia de liberdade nos encontros, nas relações sociais, principalmente entre docente e corpo discente.

(BACH JUNIOR et al, 2013, p. 165)

Existem inúmeros motivos pelos quais a educação se afasta da dimensão espiritual, a mais comum sendo a relação equivocada que se faz da espiritualidade com a religião e a falta de exposição sobre o tema nas formações acadêmicas. Geralmente, uma pedagogia que faz referência à espiritualidade surge de grupos religiosos que tampouco conseguem atingir o objetivo de desenvolver a espiritualidade. Os ensinamentos religiosos geralmente apenas inibem o potencial espiritual do ser humano por não compreenderem o homem como um ser multidimensional, o corpo sendo visto como somente o caminho para conceber o pecado. Na prática pedagógica da educação religiosa, os professores não são desafiados ao autoconhecimento, distanciando o espiritual da vida prática e dos conteúdos ensinados. Assim, estimulam o medo, a intolerância religiosa, incutem dogmas e causam estreiteza mental ligada às tendências de controle religioso.

As religiões se julgam detentoras da espiritualidade, no entanto, para além de seus limites, todos os seres humanos são seres espirituais, que em sua maioria não sabem o que fazer com seu potencial sensível, místico e geralmente mal compreendido nas demandas do cotidiano. Como a educação pode contribuir para preparar que o indivíduo ouse em sua busca para explorar os próprios potenciais humanos? Como permitir ensinar que a espiritualidade seja também um alicerce para avançarmos de maneira realmente integral?

Precisamos libertar a espiritualidade de seu enquadramento na religião. Não existe, por certo, religião sem espiritualidade; ela nasce de uma profunda experiência espiritual. Mas pode existir espiritualidade sem religião.

(BOFF, 2012, p. 197)

TERCEIRA PARTE: ORIGENS E VALORES DE UMA EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA

DESPERTANDO EM CAMADAS

“São muitos os momentos em que presenciamos movimentos espontâneos que brotam de camadas muito profundas, revelando gestos que nos confirmam a presença de um ser que está ali encoberto, esperando o instante propício para se revelar. É nesse exato momento que o brincar cumpre sua função transcendente”

(PEREIRA, 2013)

A sociedade contemporânea, fundamentalmente materialista, influencia o ritmo que estabelecemos em nossas vidas, como também a qualidade das relações, interações e escolhas. Por mais que tenhamos várias correntes de pensamentos políticos e filosóficos, o senso comum se torna predominante, regendo a consciência das multidões e distanciando os indivíduos da alteridade e de suas origens culturais. Desse modo, se consolida um estilo de vida que determina a forma de nascer, a criação dos filhos, como devemos nos comportar nas relações, como envelhecer e morrer. Quase toda a nossa vida passa despercebida, por estarmos fora do momento presente, sem tempo para olharmos internamente e presenciar as transformações sociais que vem ocorrendo e questionar as perspectivas que se apresentam. Entretanto, como oposição ao ritmo frenético em que vivemos, vêm surgindo reivindicações em prol da felicidade interna e de momentos de pausa, relaxamento e vida comunitária. Consequentemente, surgem no Brasil movimentos e organizações da sociedade civil, como a Aliança pela Infância, o Instituto Alana e o Instituto Brincante, propondo a valorização e o resgate da cultura da infância, assim como o retorno da cultura popular às grandes cidades, ocupando espaços públicos como parques, com encontros entre famílias para celebrar, respirar, dar a pausa necessária para observar, brincar e sentir a conexão entre os seres.

Ao longo do processo de urbanização das grandes cidades, a infância veio perdendo seu espaço, onde acontecia o encontro de crianças com outras crianças de diferentes idades para brincar. Nesses espaços, acontecia a vida vivida.

(PEREIRA, 2008, p. 21)

A especulação imobiliária reduziu os espaços públicos, sobretudo nas grandes capitais, onde se reforça a criação de espaços privados para o brincar e é intensificado o consumo de jogos eletrônicos, computadores para crianças, com o pretexto de que a violência tomou as ruas, que não pertencem mais às crianças. De fato, as ruas não são mais as mesmas, e a cultura popular e da infância dependem das ruas e dos espaços públicos para sobreviverem em sua forma plena. Estão se tornando um produto de consumo, que apenas se encontra em espaços privados, onde poucos podem ter acesso. A Cultura Popular, regida e atuada por adultos, encontra suas maneiras de sobreviver, subvertendo o sistema imposto pelas grandes cidades. No entanto, a Cultura da Infância foi descaracterizada para se confinar a espaços privados e pequenos, onde o movimento é censurado ou regulado para não causar transtornos ao ambiente, onde a estaticidade é privilegiada. Segundo Pereira (2008), as graves consequências do novo estilo de vida que vem se apresentando nas grandes cidades aparecem nos diferentes diagnósticos que vão sendo apontados. A falta da cultura da infância compromete a saúde física, mental, emocional e comportamental das crianças.

(...) Muitas delas estão sendo diagnosticadas como hiperativas ou com distúrbios de atenção e isso não faz parte do universo da criança, porque criança é movimento e, ao brincar, ela desenvolve um processo de concentração que está ligado à necessidade de seu próprio desenvolvimento.

(PEREIRA, 2008, p. 21)

Não por acaso, os folguedos da cultura popular e a cultura da infância estão sendo sacrificados na sociedade pós-industrial, pois ambos exigem apropriação dos espaços urbanos, encontros para realizarem a imaginação, espontaneidade, improvisação e liberdade para celebrar a vida. Nas grandes cidades, tudo passa a ter valor de mercado, inclusive as expressões de domínio público, como o brincar. O que antes era passado de geração em geração passa a ser privatizado e estrangulado pelo mercado, e a cultura popular passa a ser um nicho comercial, em ascensão devido a um saudosismo de tempos que parecem não caber mais na nova configuração social. Assim, a brincadeira livre vem se perdendo. Ao brincar livremente, as crianças estão aprendendo muito mais do que conseguiríamos constatar. O brinquedo é múltiplo. Ele move a alma.

Uma infância saudável, cada vez mais rara, apesar de ter sido a regra há poucas décadas atrás, permite o estar acordado na plenitude, presente no nível do brincar e do convívio com a natureza. “A substância do brincar é a alegria. A natureza é seu território primordial” (HORTÉLIO apud PEREIRA, 2013, p. 53). Ao mesmo tempo, o sentimento de ser Um com o Todo é vivenciado de forma inconsciente, pela conexão natural da criança com

as vibrações cósmicas e terrestres, expressando a capacidade, hoje em declínio, de felicidade, contentamento, confiança e amor universal.

Mais tarde, quando já somos possuidores de consciência, reproduzimos este estado de plenitude da infância durante as festividades folclóricas, também conhecidas como brinquedos, e nos tornamos *brincantes*, não por acaso, pois somos arremessados novamente à infância. Tem-se a oportunidade de, ao revistarmos a infância, acessarmos a essência infinita de maneira consciente. Assim, os *brinquedos* se apresentam como um transe, onde os corpos, as mentes, e os espíritos de forma coletiva podem celebrar a vida em sua totalidade.

Elevar o corpo, a mente e o espírito por meio de um resgate da cultura da infância, dos festejos e folguedos populares, celebrando essas expressões que integram diferentes aspectos do ser humano na educação, é realizar uma educação multidimensional. Educadores que pretendem realizar uma educação integral trazem para compor suas práticas pedagógicas atividades que acessam e consagram as dimensões humanas, como as artes em geral (artes plásticas, danças, literatura, poesia, trabalhos manuais, teatro, música), as vivências que estimulam a cooperação e o serviço social, e a interiorização. Segundo Morin (2000, p. 57), “o ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo, (...) todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo”.

A definição da vida deve ser respeitada nos seus caracteres versáteis, multidimensionais, incertos, ambíguos e contraditórios – são justamente esses os sinais de sua complexidade. E é precisamente essa complexidade que temos agora de considerar frontalmente.

(FERNANDES, 2006, p. 18)

O ser humano visto como um ser multidimensional vem conquistando espaços na área da educação e hoje é possível encontrar inúmeras pedagogias que tentam criar pontes com a espiritualidade através do projeto político pedagógico. De fato, é possível encontrar pedagogias tradicionais e alternativas que chegam a considerar ou ao menos mencionar a espiritualidade, assim como a ecologia, valores, e muitos outros aspectos que se referem à multidimensionalidade do homem.

Mas, de onde emergem as ideias que acabam por trazer para a educação novas concepções e outros rumos? Muitos são os movimentos que têm conduzido a uma mudança paradigmática. Entretanto, gostaríamos de destacar o sistema de pensamento do filósofo indiano que gerou uma proposta educativa na qual a espiritualidade é uma dimensão essencial, e que tem influenciado a cultura ocidental, tendo expressiva penetração no Brasil.

A FILOSOFIA NEO-HUMANISTA DE P. R. SARKAR

“(...) acredito no Deus que entendo como espírito, como amor, como começo de tudo. Acredito que ele esteja em mim e eu, nele. (...) Acredito que o verdadeiro bem do homem é o cumprimento da vontade de Deus, a vontade de que as pessoas se amem umas às outras e em consequência ajam umas com as outras como gostariam que agissem consigo próprias”

Tolstoi

O Neo-Humanismo foco de nossa reflexão neste trabalho não se refere ao movimento humanista de Jonh Dewey, que influenciou a pedagogia escolanovista no Brasil, mas à proposta do filósofo indiano Prabhat Ranjan Sarkar, que utilizou o termo Neo-Humanismo para sua teoria de transformação profunda, individual e social.

Sarkar constrói seu Neo-Humanismo a partir dos conceitos espirituais do *Tantra Yoga*, tendo como objetivo o bem-estar de todos os seres vivos. Partindo da multidimensionalidade do ser humano e de seus distintos âmbitos de organização social, o Neo-Humanismo é o resultado da expansão da identificação do *self*, desde o ego, passando para a família, nação, grupos específicos e a humanidade, até chegar ao sentimento universalista de amor e devoção por todos os aspectos da criação, quando o *self* se identificaria com a própria totalidade da existência (MIURA, 2013).

Prabhat Ranjan Sarkar

P.R. Sarkar nasceu em maio de 1921, no estado de Bihar. Imergindo desde a infância nas tradições espirituais indianas, por estudo ou por suas experiências místicas próprias, em 1950 o jovem filósofo já tinha muitos seguidores que o buscavam para orientação sobre os mais diversos aspectos da vida, mas principalmente por seus ensinamentos de yoga e meditação. Em 1955, Sarkar fundou, sob o nome de Shrii Shrii Anandamurti, a organização sócio-espiritual Ananda Marga, como o objetivo de divulgar sua ideologia espiritual de mesmo nome, como uma releitura do *Tantra Yoga* associado a

conhecimentos ocidentais (INAYATULLAH, 1999).

Sarkar produziu, através de discursos e seminários, sistematizações de conhecimentos a respeito do *Tantra* (cosmologia e meditação), de organização sociopolítica com a teoria de Prout (*Progressive Utilization Theory* ou Teoria da Utilização Progressiva), *Yoga*, História e mitologia Indiana, alimentação e estilo de vida saudável, Biopsicologia; Educação, Música, *Microvita*, entre outros assuntos (Idem, Ibidem).

Segundo Inayatullah (2002), citado por Miura (2013), o pensamento e ideias de Prabhat Ranjan Sarkar são caracterizados por três elementos básicos:

- A dialética: a noção de que obstáculos são necessários ao crescimento espiritual de indivíduos e sociedades. Existe um jogo de forças antagônicas na existência manifestada que torna a vida um processo de luta constante. A evolução dá-se por meio de choques e coesões;
- A criação de uma nova racionalidade: Sarkar desenvolve uma abordagem para criar sentido entre o mundo espiritual e o mundo material; relaciona o caráter científico ao misticismo e à busca por respostas a questões existenciais da humanidade; busca também uma relação saudável entre indivíduo e sociedade;
- A base desta nova racionalidade é a noção de que a existência é expressão de uma Consciência pura.

A Filosofia do *Tantra*

Desenvolveremos aqui as bases da filosofia do *Tantra Yoga*, objetivando um melhor entendimento do que é a Pedagogia Neo-Humanista.

Tantra, segundo Sarkar (1994), é o processo de transformar a divindade latente presente em todos os seres vivos na Divindade Suprema (Deus). O significado do termo originalmente em sânscrito é: libertação das amarras da ignorância (ou estaticidade). Como uma filosofia de autoconhecimento, o *Tantra* se baseia em suas práticas espirituais para alcançar este objetivo. Assim, a prática espiritual tântrica é aquela que liberta o praticante da ignorância (estaticidade) da força estática por meio da expansão do *self*.

Deve-se notar que o *Tantra* não é uma religião, nem está limitado por conceitos de casta ou crença. Pelo contrário, um dos pilares do *Tantra* é a ausência, e mesmo o combate, aos dogmas, já que seria incoerente com seu princípio fundamental de expansão a limitação da mente por imposições artificiais. Assim, o *Tantra* foi definido por Sarkar (1994) como uma ciência espiritual, na qual, a partir de um método científico, qualquer indivíduo pode alcançar a realização espiritual.

A interpretação prática do *Tantra* é despertar a força espiritual existente em cada entidade viva e expandi-la, com o objetivo de unificação com a Divindade Suprema (Deus). No entanto, considerando a trimembração dos seres vivos (físico – psíquico – espiritual), o despertar desta força passa também, e primeiramente, pela atuação no corpo físico, o que se dá principalmente por meio das glândulas endócrinas e seus *cakras* (lê-se: “chacras”) relacionados. As glândulas endócrinas estão relacionadas às diversas propensões mentais que possuímos, com suas intensidades dependendo da secreção apropriada dos hormônios destas glândulas. Assim, o trabalho corporal com foco nas glândulas endócrinas é o primeiro passo da prática espiritual (Idem, Ibidem).

A etapa seguinte deste processo gradual é a elevação da energia espiritual como consequência de uma expansão da mente, o que é proporcionado pela prática da meditação. Por meio da meditação, a energia espiritual pode ascender pelos *cakras*, até alcançar o *sahasrara cakra*, onde finalmente os aspectos humanos podem ser convertidos em espiritualidade (ou divindade). O *plexus* mais inferior (*muladhara*) é o assento da rudeza, e o *plexus* superior (*sahasrara*) é o exatamente oposto, o local da consciência. O processo de elevação da energia espiritual é também um processo de destruir as amarras (*pashas*) de todas as fraquezas mentais; e após conquistar estas fraquezas e outros inimigos mentais (*ripus*), para transformar a animalidade em divindade (Idem, Ibidem).

A principal característica do *Tantra* é que representa o vigor humano, uma luta sem tréguas: onde não há luta, não há prática espiritual (*sadhana*), já que é impossível substituir uma ideia mais bruta por uma mais sutil sem esforço. Assim, o *Tantra* é uma luta, tanto internamente quanto externamente. A prática em todo e cada aspecto da vida tem o mesmo reconhecimento no *Tantra*. Assim, a coordenação das diferentes práticas em todos os aspectos é o *Tantra* em sua totalidade. Desse modo, a prática meditativa é a *sadhana* interna do *Tantra*, enquanto que destruir as amarras do ódio, inveja, desconfiança, timidez, etc., por uma ação direta, é a *sádhana* externa (Idem, Ibidem).

No caminho de evolução da condição animal para a divindade, todos têm uma posição em particular e exercem uma influência na sociedade, correspondente a essa posição. O *Tantra* não reconhece nenhuma diferenciação, racial, genealógica, política, nacional ou econômica entre os seres humanos, garantindo direitos iguais a cada ser humano, pelo simples fato de pertencer à raça humana. No entanto, considera essenciais as diferentes características dos indivíduos, observáveis a nível metafísico (psíquico), assim como valoriza o esforço e o vigor individuais (Idem, Ibidem).

A diferença fundamental entre a filosofia Védica (Ariana, por sua origem genealógica) e a Tântrica, segundo Sarkar, é que aquela dá grande importância às diferenças raciais e de clã, enquanto que nesta apenas o ideal humano é honrado. O Sistema de castas, por exemplo, é reconhecido pela filosofia Védica, mas não pela Tântrica. Assim, na religião ariana haveria pouco espaço para o desenvolvimento espiritual, ao contrário do sistema Tântrico, onde todos os seres humanos têm o mesmo *status*. Outra diferença é que, por meio de sacrifícios rituais, o Védico encoraja o materialismo, enquanto que o culto Tântrico, por meio de suas práticas espirituais e psíquicas, ajuda ao aspirante a progredir em direção ao *self* intuitivo – a Realidade Suprema Não-Atributiva (Idem, Ibidem).

Base Espiritual da Sociedade

Sarkar, situado na episteme indiana, entende como objetivo de toda a existência alcançar a bem-aventurança (*ananda*). Sua concepção crítica e social de espiritualidade considera que a realização máxima humana só pode ser alcançada coletivamente, através da transformação das estruturas e mecanismos de exploração na sociedade, para que as necessidades espirituais de cada pessoa sejam atendidas de forma apropriada (MIURA, 2013). De acordo com Inayatullah, Bussey, Milojevic (2006 apud MIURA, 2013), o Neo-Humanismo como perspectiva social e ontológica está enraizado na prática espiritual do *Tantra*, e as propostas Neo-Humanistas em educação estão situadas num contexto de uma pedagogia transcivilizacional global. Pode-se dizer, segundo os mesmos autores, que o Neo-Humanismo é uma fusão das tradições do Humanismo ocidental e suas derivações (Romantismo, Socialismo e Iluminismo) com a tradição milenar do *Tantra*. Sendo assim, propõe uma perspectiva holística e filosófica sobre a vida, ao mesmo tempo em que é aplicável na vida diária. Alia uma metodologia científica com um caráter profundamente

metafísico em sua essência (MIURA, 2013).

As bases do Neo-Humanismo foram proferidos por Prabhat Ranjan Sarkar em 1982, como uma moldura geral para a sociedade, ressaltando, porém, sua importância para a educação. O Neo-Humanismo vai muito além de um método de educação. No entanto, inclui algumas sistematizações pedagógicas, que são experimentadas e vivenciadas nas escolas Neo-Humanistas ao redor do mundo.

Assim, o propósito do Neo-Humanismo não é somente atender as necessidades psíquica e físicas dos seres humanos ou combater as injustiças sociais, mas sim oferecer um modelo viável e prático de uma sociedade espiritual e dinâmica.

VALORES NEO-HUMANISTAS IMPLICADOS EM UMA NOVA EDUCAÇÃO

O Neo-Humanismo reconhece que a existência humana ocorre em dois âmbitos: individual e coletiva. Assim, os valores nos quais está baseada a pedagogia Neo-Humanista refletem essa duplicidade: são valores sociais e princípios humanos cardinais (SARKAR, 1988a). São apresentados a seguir os princípios humanos cardinais nos quais está baseado o Neo-Humanismo, propostos originalmente por Sarkar e resgatados por Acharya Shambushivananda Avadhuta, diretor da Rede Internacional Ananda Marga Gurukula, que coordena escolas e institutos Neo-Humanistas. O texto dos tópicos que se seguem é inspirado nas informações do site desta rede <<http://gurukul.edu/>>, página oficial responsável por divulgar a Educação Neo-Humanista no mundo. Em especial, foi consultado o artigo “*Cardinal Human Values*”, de autoria de Shambushivananda, publicado nesse site e abaixo sintetizado:

Princípios Humanos Cardinais

Espírito de benevolência

O edifício da vida espiritual inteiro é construído sobre as fundações do espírito de benevolência, sem o qual não pode haver progresso na meditação (*sadhana*), nem verdadeiro serviço, nem ideologia ou proximidade à meta (*Ishta*). Assim, é o dever de cada

aspirante espiritual (*sadhaka*), em primeiro lugar, cultivar o hábito de ver tudo e todos com uma atitude prestativa, ou seja, com o pensamento da generosidade (bondade). Dentro da filosofia do *Tantra*, isso vem naturalmente quando a pessoa se estabelece na ideação cósmica, ao praticar as práticas espirituais prescritas, como as técnicas de meditação e as posturas de yoga. Para isso é importante também o autocontrole, que permite o cultivo de uma natureza altruísta, o que está no cerne da benevolência. Onda há benevolência, há amor, amizade, confiança, lealdade e disciplina.

Senso estético

A criatividade expressa na natureza traz uma forte evidência de que as mãos habilidosas de *praktii* (força criativa) mantêm a unidade na diversidade. As interrelações entre todas as formas de vida, entre animado e inanimado, entre grande e pequeno, entre pássaros e animais, homens e mulheres, ricos e pobres, demonstra a genuína unidade na criação. O que é bom para um é bom para todos e o que é bom para a coletividade é bom para o indivíduo também. Assim, o espírito da cooperação coordenada, em oposição à coordenação subordinada é a expressão externa de um senso estético. A beleza, harmonia, senso de proporção, maturidade de expressão, são produtos da qualidade estética. No lado introvertido, o senso estético nos leva às portas do misticismo, um esforço sem fim de encontrar a ligação entre o finito e o infinito

Pensamento racional

O discernimento intelectual aplicado em cada ação é a base do pensamento racional. Quando decisões são tomadas após se analisar os se coletar todos os fatos, avaliando os prós e contras com uma análise apropriada, o resultado é uma mentalidade racional. A abordagem racional é o único modo seguro de engendrar confiança nos demais e promover sentimentos de justiça entre todos. O método científico é parte da abordagem racional. A racionalidade encoraja a pesquisa, a aplicação benevolente dos resultados dos pensamentos humanos e a expressão livre das faculdades mentais. Ações baseadas na racionalidade são sempre duradouras. A pessoa aprende a discernir quais aspectos do conhecimento racional são valiosos, com propósitos para serem avaliados pela própria consciência. A consciência é uma

faculdade que reflete quando uma ideia é ou não válida para um benevolente bem-estar coletivo.

Dinamicidade

Onde existe movimento, existe vida. Sistema sem velocidade não tem sentido e velocidade sem sistema é perigoso. Assim, a dinamicidade é o símbolo da prosperidade e progresso. Onde há o espírito da dinamicidade, não há letargia, estagnação ou inércia. Dinamicidade transforma burocratização em zelo missionário. É a fonte de dedicação, a qualidade da mente quando esta está imbuída com urgência para atuar no espírito de bem-estar. Dinamicidade leva à utilização progressiva de todos os potenciais na criação. Onde há dinamicidade, existe a constante transformação do bruto ao sutil, da pobreza à riqueza, do caos à ordem, dos muitos ao um, das disparidades à igualdade social.

Equilíbrio (*Equipoise*)

O equilíbrio deve estar presente em todas as esferas da vida. Quanto mais nos distanciamos do equilíbrio natural da vida, mais longe ficamos também do Pai Cósmico. A Entidade Suprema que está em toda e qualquer partícula deste universo criado simboliza o perfeito equilíbrio. Mesmo detrás de todos os choques e coesões repousa o insondável equilíbrio do Pai Cósmico. É este status transcendental que é a meta desejada de todos aspirantes espirituais. Está além do movimento e da pausa. É o estado de total entrega, total aceitação da realização de que mesmo uma lâmina de grama não move sem a vontade do Pai Cósmico (*prapativa'da*). O esforço de manter o equilíbrio (*prama*) nas esferas física, psíquica e espiritual é a essência deste valor humano cardinal e é fortemente reforçado por meio da aderência estrita a práticas intuitivas e por promover o equilíbrio ecológico.

Valores Sociais

Partindo dos princípios humanos cardinais, pode-se chegar a um vasto leque de valores sociais Neo-Humanistas, alguns dos quais são apresentados a seguir, segundo os conceitos apresentados na página web da Rede Ananda Marga Gurukula.

Amor universal

O valor primordial para o Neo-Humanismo é o amor, o sentimento que conecta todos os indivíduos e, ao se estender a todos os seres vivos, se torna amor universal.

Porque o amor e a afeição das mentes humanas desenvolvidas deveriam estar restritos somente aos seres humanos? Porque não deveriam ser incluídos todos os seres vivos, inclusive as plantas? Esta é a nova explicação do humanismo – o Neo-Humanismo – já que no Neo-Humanismo todo o muno animado é incluído.¹

(SARKAR, 1988c)

Assim, o Neo-Humanismo amplia o coração humano para abarcar a criação inteira, incluindo os seres vivos e os inanimados. Isto estimula a cada indivíduo desenvolver uma fluida relação de amor com a consciência infinita, reconhecendo a cada entidade como sua manifestação.

Uma única sociedade humana

Para o Neo-Humanismo, a humanidade não é formada por diversas sociedades espalhadas pelo globo, mas por uma só sociedade humana, ainda em formação. Uma sociedade humana no verdadeiro sentido do termo não existiria ainda, devido às tendências egoístas que dominam a sociedade, mas sua conformação deve ser objetivo de uma organização social baseada nos princípios neo-humanistas. Para Sarkar (1988b), o verdadeiro significado de sociedade é o “movimento coletivo de um grupo de indivíduos que tomaram a decisão unânime de mover juntos a um objetivo comum”.

A sociedade universal tem apenas uma única cultura. Tem o valor humanitário como seu fundamento. A sociedade humana por todo o universo tem apenas um sentimento, e este sentimento faz as pessoas rirem quando felizes e chorar quando tristes. Eles tentam ajudar os demais, formar uma sociedade, viver em paz e morrer em paz. Isto que é chamada cultura humana. Nós devemos encorajar essa cultura fundamental. É um elo de ligação entre uma pessoa e outra, entre as chamadas nações.²

(SARKAR, 2004, p. 27)

¹ Tradução livre do original em inglês por Luciano Bernardo Pimentel.

² Tradução livre do original em inglês por Luciano Bernardo Pimentel.

Preservar as diversidades e eliminar as disparidades (Justiça social)

O Neo-Humanismo tem como fundamento social o reconhecimento e valorização das diversidades. No entanto, assume como tarefa primeira a construção de uma sociedade onde as desigualdades sociais sejam diminuídas progressivamente para uma situação onde haja um mínimo, assim como um teto, para a acumulação de recursos materiais. Isto se justifica porque, se a falta de um mínimo dos requisitos básicos à vida é causa de sofrimento desnecessário, o excesso também é fonte de infelicidade. Além disso, os recursos mundanos (materiais) no planeta são finitos. Assim, se não há um limite à acumulação, a concentração em um lugar representa a escassez em outra parte (ANANDAMURTI, 2006).

Diferentes grupos de pessoas contribuem para a construção da sociedade de formas diferentes. Essa diversidade carrega um significado especial para a estrutura social como um todo. Se a diversidade não existisse, a sociedade humana não teria avançado nem mesmo até a Idade da Pedra, o que dizer do estágio atual da civilização. Então, devemos considerar e apoiar imparcialmente a diversidade de idéias, formas e cores que promovam a um crescimento pessoal e desenvolvimento social entre os seres humanos.³ (SARKAR, 1999, p. 33)

Universalismo

Uma visão universal transcende castas, crenças, raças e gêneros. O Neo-Humanismo reconhece somente o mais amplo sentimento de universalismo, o qual abarca todas as entidades do cosmos e abomina os outros sentimentos dogmáticos que impõem limitações na mente humana. O mundo se torna uma “família universal”.

Igualdade social e altruísmo

O reconhecimento da igualdade social nos leva a uma prática de boa vontade e serviço aos demais como princípios de vida, e também por assumir um papel responsável como seres humanos nesse universo. Quando o nosso propósito é apenas conseguir um prazer egoísta na vida, sem se importar com os outros, aprendemos a ignorar o sofrimento e as privações dos outros seres do planeta. No entanto, seguindo o princípio da igualdade social, existe respeito, consideração e equilíbrio na sociedade.

³ Tradução livre do original em inglês por Luciano Bernardo Pimentel

Mudança social

Há diferentes estratégias que podem ser adotadas para se buscar mudanças em quaisquer aspectos da vida. No reformismo, as mudanças são buscadas de forma muito gradual. Frequentemente, esta forma de abordar dilui o processo de mudança, que não se torna efetivo. O reacionário é aquele que não deseja ver mudança nenhuma. Já o pseudo-reformista fala a favor das mudanças, mas na verdade quer manter tudo como está. Na abordagem revolucionária, se trabalha para uma mudança positiva no tempo mais curto possível. No Neo-Humanismo, após a avaliação de que um aspecto de mudança social é para o bem-estar coletivo, é adotada a estratégia revolucionária, passando-se a buscar a transformação com determinação, dinamismo, entusiasmo e cuidado.

Valorização da cultura, contra a pseudo-cultura

O Neo-Humanista valoriza a multiplicidade de expressões culturais que compõem a humanidade, fortalecendo a língua indígena, as artes locais, danças folclóricas, cantigas e etc.

No âmbito escolar, a presença da pseudo-cultura é combatida, já que sua presença envolve e contamina todas as outras expressões culturais presentes. São exemplos da pseudo-cultura: a música homogeneizada, os filmes e os programas televisivos que não são escolhidos para elevar o espírito humano, e sim para obter lucro comercial. Estes produtos se encontram em todos os cantos do mundo e corroem as expressões culturais locais e seus respectivos sentimentos, alimentando o consumo em massa, criando ou aumentando o desejo por certos itens. Para lutar contra esta poderosa e tumultuosa corrente de produtos comerciais, o Neo-Humanismo propõe a transmissão criativa de preciosos valores locais para as futuras gerações.

Ética e moralidade

Através de cada ação, os valores morais se manifestam como resultado de um compromisso pessoal que expressa o progresso do caráter. Os valores morais são muito deficientes hoje em dia, principalmente a sua aplicação nos sistemas educativos. Para permitir

que os estudantes internalizem um elevado sentido moral, os professores devem vigiar constantemente sua própria postura moral e a integridade. Quando os princípios morais estão na vida diária, o indivíduo se torna um modelo ideal, uma expressão de equilíbrio espiritual. Através da interação na vida social, tal pessoa se torna um guia para o estabelecimento de uma base firme de valores e princípios éticos.

Outros valores

Podemos ainda apontar outros valores Neo-Humanistas, como o reconhecimento da interconexão de todas as formas de vida, a sustentabilidade ambiental, a utilização apropriada dos recursos, o autodesenvolvimento holístico, espírito cooperativo, espírito de serviço, arte e ciência para o serviço e a bem-aventurança.

Conceitos de Ética Universais da Educação Neo-Humanista

A ética Neo-Humanista tem o objetivo de regular o comportamento individual consigo mesmo e com os outros, de acordo com os princípios humanos mais elevados (SARKAR, 1988d). São dez conceitos milenares da filosofia do yoga, sistematizados por Sarkar em uma releitura universalista, publicada originalmente em seu livro *Um Guia para a Conduta Humana* (2001, 4ª ed.), sob o pseudônimo de Shrii Shrii Anandamurti.

Não causar danos (*Ahimsa*)

Fazer o esforço consciente de estender bondade e ter cuidado no pensamento, nas palavras e nas ações. A prática de *Ahimsa* envolve nossa relação como mundo, os outros e nós mesmos. Algumas qualidades que surgem com esta prática são: bondade, compaixão, gentileza e amizade. Pode-se expressar a raiva apropriadamente, escolhendo quando e como responder aos acontecimentos e aos demais. Ter flexibilidade, tolerância, aceitação, brindar o estímulo positivo, tendo responsabilidade por nós mesmos e humildade.

Verdade benevolente (*Satya*)

Falar e expressar-se sempre com sentido de bem-estar social. Este princípio em geral significa a verdade factual. Mas em circunstâncias onde falar a verdade factual pode causar danos aos outros, então dizemos a verdade de maneira mais amena. Exemplos de qualidades que surgem da verdade benevolente são o sentido de justiça, honestidade e retidão.

Considerar como se relacionam as expressões de ver, ouvir, sentir e falar com benevolência; como no ato de incentivar os outros e a nós mesmos, manifestar-se com compaixão, alinhando pensamentos, palavras e ações, sustentando nossas promessas e compromissos com os outros, com o ideal espiritual e beneficiando a nós mesmos.

Responsabilidade (*Asteya*)

Não tomar nem desejar o que não nos pertence. Exemplos de qualidades que nascem da prática de não roubar são a confiança e a empatia.

Considerar o respeito aos demais, regras, possessões, e o limite pessoal e dos outros.

Amor universal (*Brahmacarya*)

Ver e amar a Consciência Cósmica em todas as coisas, ter atitude espiritual sobre nossa existencia mundana. Exemplos de qualidades que surgem do amor universal: respeito a todas as culturas, cuidado, amplitude mental, atitude revolucionária.

Acreditar que estamos sendo guiados por um poder muito elevado, brindar novas oportunidades, humildade, entrega.

Simplicidade (*Aparigraha*)

Ter somente o necessário para a vida implica considerar o bem-estar coletivo na forma simples de viver. Qualidades que nascem desse valor: moderação e equilíbrio, libertar-se dos apegos a objetos e pessoas, valorizar as necessidades pessoais, planejar e ter estratégias, controle pessoal, fazer prioridades.

Pureza (*shaoca*)

Este princípio inclui ambas as limpezas externa e interna. A limpeza mental significa remover impurezas como maus sentimentos, imagens violentas, pensamentos negativos etc. Limpeza externa: o cuidado com o corpo físico e o equilíbrio ecológico.

Qualidades que surgem com a prática: aceitar a responsabilidade de mudar o que é inconveniente, atitude mais ecológica, perspectivas positivas, força interior.

Aceitação (*Santosa*)

Fazer um esforço regular para manter a calma e o equilíbrio mental, e diminuir os desejos que levam a cometer excessos e frustrações. Qualidades que nascem desse valor: contentamento, simplicidade, autoestima, reconhecer os erros, ser leal à sua verdadeira natureza, meditação, atos de bondade e generosidade, complacência e a paz mental.

Serviço desinteressado (*Tapah*)

Desenvolver o hábito de ajudar aqueles que realmente precisam, mesmo que isto cause inconveniência a nós mesmo. Qualidades desse valor: serviço social, generosidade, humildade, determinação, cooperação, desapego, amor universal.

Compreensão e entendimento (*Svadhyaya*)

Desenvolver o hábito de estudos e leituras regulares de temas espirituais, fazendo esforço para chegar a um entendimento profundo do tema. Qualidades que nascem desse valor: maior entendimento mundano e espiritual, confiança, expansão mental, intuição, flexibilidade.

Espiritualidade (*Ishvara Pranidhana*)

Saber que a coisa mais importante na vida é descobrir o próprio ser interior e tratar de viver de acordo com essa verdade interna. Qualidades que nascem da prática desse valor: devoção, disciplina, sinceridade, ser autêntico com a verdade interior, consciência.

O SISTEMA GURUKULA

“Educação é aquilo que liberta”⁴
(P. R. Sarkar, 1998)

A Educação Neo-Humanista tem como base o sistema de ensino *Gurukula*, que é parte da cultura milenar do Yoga indiano. O termo sânscrito “*Gurukula*” (pronuncia-se gurukul) tem a seguinte etimologia: Gu significa escuridão; ru, “aquele ou aquilo que dispersa” e kula, uma instituição. Assim, *Gurukula* é uma instituição (ou sistema) cujos objetivos são ajudar os estudantes a dispersar a escuridão da mente, buscando a total emancipação do indivíduo e da sociedade de maneira geral. (Em: <<http://gurukul.edu/about-amgk/about-us/>>. Acesso em: 08 de Novembro de 2014)

O Sistema *Gurukula* moderno é uma retomada desta antiga tradição, fundindo a abordagem analítica ocidental ao conhecimento sintético oriental. Nas suas escolas e institutos, os aspectos do indivíduo são desenvolvidos utilizando um currículo integrado que empodera o aluno a conhecer a si mesmo e desenvolver a confiança e a empatia para utilizar o conhecimento ao serviço da sociedade. As habilidades intelectuais cognitivas são extendidas para incluir a intuição, a estética e uma perspectiva ecológica baseada numa abordagem universal (Ibidem)

A educação Neo-Humanista, ao invés de reprimir ou bloquear os níveis mais superiores na mente, integra os distintos aspectos da existência da criança: corpo físico, sentidos, intelecto, emoção, imaginação criativa, intuição e espírito. Com o propósito de uma formação integral, inclui no currículo escolar práticas que despertam a espiritualidade, como yoga, alimentação vegetariana, visualização, meditação, o contato com a natureza e o serviço

⁴ Tradução livre do original em inglês por Luciano Bernardo Pimentel.

social. “Entre a teoria e a prática está a pessoa. Neo-Humanismo é a transformação desta pessoa, expandindo a nós mesmos e as nossas sociedades, abraçando todo o planeta, e até mesmo o universo.” (INAYATULLAH, BUSSEY, MILOJEVIC, 2006, p. iv, apud MIURA, 2013, p. 13.).

OS DESAFIOS DO PROFESSOR NEO-HUMANISTA

“Conviver com criança é entrar numa aventura com o desconhecido, é penetrar num mundo misterioso onde somos surpreendidos por indagações que a todo momento nos conduzem a trilhar com coragem e ousadia um caminho onde nos vemos como experimento da vida.”

(PEREIRA, 2013)

Antes que o professor possa guiar as crianças até o seu maior potencial, o educador deve redefinir e compreender a si mesmo, buscando um crescimento apropriado e a expansão dos vários níveis do seu próprio ser. O Neo-Humanismo reconhece os mais diversos aspectos que compõem nosso ser, físico, mental e espiritual, e incentiva o compromisso do professor em expandir cada um desses aspectos, ao mesmo tempo em que estimula o crescimento multidimensional de seus estudantes. Compreender as camadas da mente se faz necessário para compor o currículo de cada realidade cultural e poder guiar de forma consciente o desenvolvimento de cada dimensão. Segundo o Tantra Yoga, as camadas da mente são as seguintes (ANANDAMITRA, 2004):

- O Corpo Físico: consciência do nível interno (emoções) e externo;
- A Mente Consciente e os sentidos: Interação com o mundo através dos sentidos de uma maneira ética e responsável;
- A Mente Subconsciente: Conceitual e analítica (Intelecto), habilidade de resolver problemas, contemplação e a receptividade, memória;

- A Criatividade e a Intuição, primeiro substrato da Mente Superconsciente: apreciação pelo estético, o prazer, a criatividade potencial, Artes, Musica e a felicidade.
- A Mente Subliminar, segundo substrato da Mente Superconsciente: A interiorização intencional, o discernimento, a compreensão profunda, a empatia e o altruísmo.
- A Espiritualidade, terceiro substrato da Mente Superconsciente: A realização do amor universal ou consciência elevada.

Os parágrafos que se seguem, acerca do papel do educador Neo-Humanista, são inspirados em textos do site *Neohumanist Education* <<http://nhe.gurukul.edu/index.htm>>, que congrega informações sobre escolas Neo-Humanistas a nível mundial. Os professores têm o poder de transformar o estudante com seu próprio exemplo e conduta amorosa. Para nutrir as mais elevadas aspirações do espírito humano, seu próprio desenvolvimento pessoal, moral e espiritual é uma importante prioridade. Cada ação está enraizada em valores espirituais exemplificados pela consistência e o amor. Para conseguir melhores resultados com as crianças, os professores devem primeiro internalizar esses valores e determinar praticá-los diariamente.

As crianças são profundamente afetadas por tudo aquilo que interage na sua vida diária. Aprendendo em um primeiro momento através do exemplo, as crianças imitam qualquer comportamento e sentimento que emanem dos professores.

Tradicionalmente a educação se focalizou predominantemente na transmissão da inteligência e do conhecimento cognitivo. Esta estreita, na verdade limitada visão acadêmica (a que compreende somente um elemento do aspecto total da inteligência holística), pode pôr em perigo o comportamento social e emocional da criança. Para Pereira (2013), a energia liberada pela indagação, pelo não condicionamento diante de nossos hábitos educacionais, abre espaço para o *insight*, provocando a ocorrência de novas ideias. Assim, a criatividade se torna um elemento primordial para lidar com o inesperado.

A compreensão de um compromisso de vida moral e espiritual promove o impulso para o cuidado e o serviço para a humanidade, assim como também satisfaz a própria vida. Para cumprir com esta tarefa de expansão holística, o professor apresenta um comportamento integrador, um ambiente de aprendizagem desafiante, que brindem às crianças oportunidades para agirem de forma independente ampliando ao máximo seus potenciais de vida.

Os professores Neo-Humanistas devem proporcionar um ambiente seguro e confortável como uma família, em que não faltem estímulos para as artes, imaginação e o ritmo. Tudo deve ser envolvido de maneira mágica através de contos, poesias, as artes e o movimento corporal, com danças e brincadeiras populares. A consciência dos estudantes é ampliada pelos bons exemplos dos professores, transmitidos com muito amor, de forma que possam chegar a ser adultos que desejam melhorar o mundo em que vivem e aliviar o sofrimento de seus semelhantes.

Portanto, os professores expõem as crianças a ambos os conhecimentos introvertido e extrovertido. A aprendizagem de introversão é para adquirir o autoconhecimento. Enquanto que a aprendizagem de extroversão são as brincadeiras e principalmente os contos para transmitir os conhecimentos de vida sobre o mundo que nos rodeia.

Também se estimula o apreço ao estético através do uso de todos os órgãos sensoriais. As crianças experimentam os efeitos das ondas vibratórias das cores, cheiros, sons e sensações táteis, chegando à compreensão que essas são todas emanções do ser infinito. O professor Neo-Humanista leva a um sentido constante de amor e compaixão por toda a criação, animais, plantas e minerais. Esta compreensão do social é central para os processos de aprendizagem diária.

QUARTA PARTE: POR ONDE CAMINHA A EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA NO BRASIL

O VOO DA BORBOLETA

Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação

Percebemos que, neste país, a borboleta ainda inicia o seu voo: vários grupos de educadores, escolas, pais e estudantes que buscam novos modelos educacionais se organizaram em busca de uma troca de saberes, compartilham experiências e empoderamento para a tão desejada mudança de paradigma educacional. Em novembro de 2013, aconteceu em Brasília a primeira Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (CONANE), um passo de muita relevância foi dado para vigorar e aproximar todos que compartilham uma nova visão de educação e de mundo. Esse encontro inovador demonstrou que é totalmente possível realizar uma nova educação em que caibam os sonhos individuais e coletivos que constituirão as bases para uma nova sociedade.

Foram apresentadas várias iniciativas e propostas educacionais que reverberam uma nova forma de educação, além de serem criadas redes de informação e de comunicação, como um importante suporte para o novo paradigma. Estiveram presentes o professor José Pacheco, o Grupo do Projeto Autonomia da Universidade de Brasília e o Coletivo Gaia Brasília, que se juntaram aos participantes de todo o Brasil em uma grande egrégora para uma nova educação.

O professor José Pacheco, da Escola da Ponte em Portugal, mudou-se para o Brasil e passou a trabalhar junto a escolas e projetos brasileiros (em 2013 chegou a fazer cerca de 300 viagens para visitar os mais de 100 projetos que acompanha pelo país). Inspirado por ele um grupo de educadores criou em 2008 a rede “Românticos Conspiradores”. Essa rede se mobiliza principalmente pela internet, trocando informações e conteúdo, mas também realiza encontros presenciais, visando à superação do paradigma educacional vigente. Em 2012 fizeram o 3º Encontro Nacional da Rede Romântico Conspiradores, com intenções de fazer mais um em 2013. Por sua vez, o Coletivo Gaia Brasília, formado em 2012, ligado às práticas sustentáveis, e o Projeto Autonomia, criado em 2010 na UnB para investigar e refletir sobre práticas educacionais inovadoras, começaram a se articular para fazer um evento em Brasília dando seguimento às atividades do Manifesto. Em 2013 ocorre ainda a chegada no Brasil de quatro europeus, motivados pelas notícias a respeito das manifestações, reunidos sob um projeto chamado “EduOnTour”. Este coletivo visava fazer um giro pelo país levantando diversas iniciativas, articulando e mobilizando a rede. Esses jovens reuniram todos esses interesses e propuseram o CONANE.

(<http://reevo.org/pt-br/columna/o-repensar-da-educacao-no-brasil/>)

Durante a CONANE, foi entregue ao Ministério da Educação o “III MANIFESTO PELA EDUCAÇÃO”. Este terceiro manifesto é o reflexo de uma sociedade sedenta por novos caminhos educacionais, e se soma aos movimentos sociais pró-infância como mais um indício da necessidade de mudanças no modelo convencional de educação e de um novo paradigma social.

Trata-se de um processo de regeneração axiológica, de renovação moral, que exige, ao mesmo tempo, mudanças de natureza política e de responsabilidade social junto a transformações de natureza espiritual capazes de trazer mais harmonia, sossego e paz a nossas enlouquecidas e velozes vidas, mas também mais compaixão, equanimidade e sensibilidade em nossas relações e interações com nossos semelhantes e tudo a fim de transmitir mais cuidado, compreensão, respeito e responsabilidade e pode assim construir relações mais satisfatórias, amorosas, vitais e esperanças.

(Batolloso, 2011,p. 123)

Projeto Autonomia

“Quero ensinar centenas de crianças como deixar sua alma encher seu corpo que cresce com música e amor. Nunca ensinei passos aos meus alunos eu lhes disse que apelassem para seu espírito como eu apelei para o meu.”

Isadora Duncan

Em minha experiência singular, participei como estudante do Projeto Autonomia, nome abreviado do Projeto de Extensão de Ação Continuada “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras” da UnB (uma parceria entre a Faculdade de Educação e o Instituto de Psicologia). Nesse contexto, realizei no ano 2012, em Brasília, em uma escola pública, oficinas de arte-yoga com um grupo de cerca de 75 crianças de 7 a 13 anos. Visando desenvolver a consciência corporal, associei as práticas da ENH com a técnica que desenvolvi e nomeei de Integração Corporal, que se baseia em elementos da Dança Contemporânea, Contato Improvisação, *Body Mind Centering* (BMC), Anatomia Emocional e Yoga. Essa atividade proporciona a sensibilidade para a presença no espaço, o toque, a libertação da linearidade e de limitações corporais, permite vivenciar o equilíbrio, a concentração e a capacidade de estar presente, exercita a meditação ativa, em uma perspectiva cósmica (ANEXO I).

No mesmo ano, ministrei uma oficina de Integração Sensorial com as professoras dessas crianças. Utilizei esta teoria da terapia ocupacional para dissolver a cultura

de patologias no ambiente escolar, bem como fazer um apelo para que a cultura da infância reconhecida na escola. Sugeri atividades como brincadeiras, jogos, canções e etc.. como uma maneira agradável de promover o despertar e o interesse pelo ensino, criar um momento de descontração e alegria em sala de aula. A integração dos aspectos introvertidos e extrovertidos nas atividades em sala de aula tende a proporcionar a percepção do professor para as necessidades individuais de cada criança.

Percebemos, no decurso do trabalho, que organizar e integrar o corpo, mente e sensibilizar a percepção não é uma tarefa simples para quem se propõe a oferecer, nem para quem recebe. Requer um esforço individual voltado para obter mais consciência, uma abertura para o novo e tentar se observar de fora. As artes, com o propósito de aumentar as qualidades estéticas e culturais, se tornam um dos caminhos mais agradáveis para se atingir o autoconhecimento, sejam elas a expressão corporal, desenhos, pinturas, modelagens, canto, música ou trabalhos manuais. Ao realizar trabalhos artísticos, como um processo criativo, o estudante terá diante de si um trabalho realizado de corpo e alma. Com o tempo, o estudante irá ampliar a consciência de sua situação atual e, com a visão sensível do professor, poderá ser guiado para aprimorar suas capacidades individuais e potenciais em grupo. Assim, à medida que estudantes e professores vão aumentando o seu nível de conhecimento pessoal, saberão cada vez mais sobre seu corpo e sua forma de criatividade, o que traz em sua alma, seus sonhos, inquietações e limitações. A partir dos trabalhos realizados também terá a chance de superar seus receios. O mais bonito do envolvimento com as artes e com as atividades corporais é que todos continuamente são aprendizes, desde o facilitador do trabalho que possui mais preparo, até aquele estudante que inicia o seu contato com as Artes e a Integração Corporal.

Ao entrar em contato com o universo interior através das artes, estamos convidando-os a que visitem o portal da espiritualidade, uma jornada interior em um ambiente de trocas. Toda educação deve, sem dúvida, ser laica, mas isso não quer dizer que tenha que ser materialista e distanciada de tudo que sugestione um contato com a beleza, com a pulsação, com o ritmo, com a vida e com uma visão de mundo mais respeitosa e sagrada. Somos educados a crer em Deus e em sua criação, mas somos negados a todo custo a sentir Deus em nossas ações, a conhecê-lo dentro de nós e intuir o universo que nos conecta com toda natureza.

INICIATIVAS A CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA

No Brasil, a Educação Neo-Humanista (ENH) se configurou inicialmente, na década de 80, com um caráter assistencialista, estabelecendo escolas principalmente em bairros de alto risco social. As escolas se estruturam, em geral, com baixos recursos, a maioria sobrevivendo por doações ou por pequenas contribuições de pais que buscam locais seguros para deixarem seus filhos enquanto trabalham. A grandeza da ENH consiste em oferecer aos filhos de famílias menos favorecidas uma educação multidimensional em um ambiente acolhedor e afetivo. Em seus jardins de infância, buscam exercer uma educação que preserve a essência espiritual-lúdica infantil, o que se materializa no currículo por meio de histórias, músicas, jogos, danças e exercícios rítmicos e energéticos, relaxamento e meditação. Assim, é focada uma perspectiva humana integral, de maneira a despertar nas crianças todos os seus potenciais, libertando-as de eventuais depressões, complexos, temores, agressividade, tensões, egoísmo e trazendo-lhes equilíbrio físico, mental e espiritual.

Seminário Internacional de Educação Neo-Humanista

Nos dias 19, 20 e 21 de fevereiro de 2015, foi realizado em Viamão e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o primeiro Seminário Internacional de Educação Neo-Humanista no Brasil, com o tema “Uma Educação Para a Emancipação Humana”. Estive presente e atenta às intervenções, e também realizei uma Oficina. Por isso creio que não poderia terminar este trabalho sem compartilhar minhas descobertas. Estiveram presentes no encontro centenas de educadores, do Brasil e de outros países, para uma programação de palestras, minicursos, dinâmicas e programas culturais. Foram realizadas trocas de experiências de iniciativas nacionais e internacionais, além de técnicas e vivências.

Acharya Shambushivananda Avadhuta (Índia), monge e diretor da Rede Internacional Ananda Marga Gurukula, ressaltou em suas palestras a necessidade mundial de uma pedagogia mais humanista, que atenda e desenvolva as capacidades humanas nos três aspectos: físico, mental e espiritual.

Ole Brekk (Dinamarca), fundador da Escola de Comédia de Copenhague, tratou da sensibilidade, criatividade e imaginação como caminho para superar os obstáculos pessoais, assim como conduzir outros para a superação de suas limitações.

Acharya Maheshvarananda Avadhuta (EUA), monge e ativista social, autor do livro “Após o Capitalismo”, reforçou o compromisso social da ENH em suas palestras. Maheshvarananda deixou claro que a ENH deve formar para uma atuação política de modo a superar os interesses pessoais e atuar conforme os interesses coletivos. O educador Neo-Humanista não será coerente se não transmitir uma consciência de serviço à humanidade, se não formar personalidades que se empenhem de uma forma ou de outra a lutar contra as injustiças sociais, se não fomentar lideranças locais que desenvolvam os potenciais de sua localidade com uma mentalidade universal. Citou a educação popular de Paulo Freire como a melhor referência de educação ativista que nosso país já desenvolveu e que nunca podemos deixar de lado os ideais e os sonhos de Paulo Freire. O caminho ideal para o educador Neo-humanista, segundo Maheshvarananda, é estabelecer o casamento entre o ativismo político de Paulo Freire e as práticas de desenvolvimento interno como yoga, meditação e valores morais espirituais. O ápice de sua apresentação foi o relato da entrevista que realizou com Paulo Freire cerca de um mês antes de sua morte (ANEXO II), da qual compartilhou um trecho:

No fundo eu acho que uma das coisas que estão faltando para nós, tanto professores como alunos, nessa experiência pedagógica, é a capacidade de... , é o que você está chamando de capacidade de meditar e também, no sentido de transcendência, uma experiência de reflexão crítica em torno da presença do mundo.

É isso que falta, porque, de um modo geral, o que se enfatiza na prática é a transferência do conteúdo. Quer dizer, o ensino fica reduzido a uma técnica de transmissão de conteúdos, uma transmissão menorizadora, mecânica do conhecimento de Biologia, Geografia, de História, de Matemática de forma a minimizar a minha presença no mundo. A minha formação não se esgota no treino físico, no treino técnico do conhecimento superficial do conteúdo. E isso é hoje uma das características da pedagogia neoliberal. O que eles vem chamando de pragmatismo na prática docente. Para mim a educação é mais do que isso e, a meu ver, envolve a meditação permanente.

(FREIRE apud MAHESHVARANANDA, 1997)

O seminário representou o importante início de um diálogo mais aprofundado sobre a Educação Neo-Humanista no Brasil e na América Latina. Apesar de existirem há mais de 30 anos no Brasil, o encontro proporcionou uma rica troca de experiências entre escolas e projetos, educadores e simpatizantes, que tiveram a oportunidade de mostrar o seu trabalho e compartilhar as conquistas e os obstáculos. Ao final do encontro, formaram-se grupos de trabalho que levarão a cabo a estruturação e organização a nível nacional da ENH, com o objetivo primordial de aproximar as iniciativas e ter uma continuidade dos diálogos iniciados no encontro, mas também de criar material didático, traduzir material de experiências

realizadas fora do país, arrecadar fundos para projetos que ainda não possuem nenhum tipo de apoio, criar aproximação com outras Pedagogias alternativas e divulgar os projetos e a filosofia Neo-Humanista

Outra questão exposta durante o encontro foi a complexidade de se realizar o trabalho com propostas muito avançadas, em realidades de grande vulnerabilidade social, pois a demanda de trabalho se estende em amenizar situações precárias das famílias envolvidas nos projetos. Cada projeto se encontra em estágios distintos de infraestrutura e recursos financeiros. Enquanto em alguns projetos há a dificuldade de se manter uma autonomia, devido às cobranças de adequação dos convênios municipais, para outros falta a estruturação básica para conseguirem um convênio. Também foi questionado nos Grupos de Trabalho (GTs) a dificuldade de adaptação dos professores oriundos das secretarias de educação à filosofia dos projetos. A partir desta problemática, surgiu a proposta de uma formação para atender a essa demanda, com o objetivo de despertar o interesse pela proposta educacional Neo-Humanista.

Apesar da pedagogia Neo-Humanista requerer um esforço individual e coletivo para a construção autoral da forma de atuação profissional, existe uma pressão constante de se criar uma metodologia em comum, uma formação que contenha todas as respostas para o cotidiano e sua complexidade. Da mesma maneira, foi incentivado que o profissional busque por meio do esforço pessoal e coletivo, soluções e possibilidades de ensinar e aprender. A monja Avadhutika Anandajaya Acarya (Filipinas), diretora dos projetos exitosos da Cidade de São Paulo, enfatizou em sua palestra:

(...) na pedagogia Neo-Humanista não há metodologia, existe muita liberdade de criação e não importa se você usa referências de Rudolf Steiner, Régio Emilia, Maria Montessori entre outros... Se o profissional não faz o seu trabalho individual de crescimento pessoal, de expandir-se e tentar sempre aprimorar-se, e realizar o trabalho com amor, nunca haverá método que solucione as situações.

(ANANDAJAYA, 2015)

De fato, existe a necessidade de uma formação que não seja apenas teórica. Nesse encontro surgiram vários questionamentos de como realizar um curso de formação que sirva para empoderar cada profissional, de possibilitar vivências que lhes ajudem a serem autorais, criativos, dinâmicos, artísticos, cooperativos e sistemáticos. Esse é o caminho para desenvolver a autonomia e se tornarem líderes benevolente em sua localidade e realizarem um trabalho amplo que se aproxime cada vez mais das metas do Neo-Humanismo.

Foi observado que os profissionais mais comprometidos com os princípios Neo-Humanistas têm buscado soluções para os problemas dos projetos a partir de uma conduta coerente com as práticas espirituais de autocuidado, tais como:

- Buscar a compreensão e o envolvimento com a filosofia Neo-Humanista, de forma que seus princípios façam parte do cotidiano;
- O exercício de meditar diariamente;
- Acreditar sempre de forma altruísta nos projetos, que não existe situação problemática sem solução;
- Ser coerente aos princípios humanos cardinais, para evitar injustiças ou tomar decisões que sejam egoístas;
- Reconhecer o primordial e o que realmente faz diferença no cotidiano. Disponibilizar tempo para cultivar o autocuidado através de, por exemplo, meditação, respiração consciente, exercícios de yoga, contato com a natureza (caminhadas em parques, banhos de cachoeiras, descansar nas sombras de belas árvores) e etc. São processos importantíssimos para não exaurir as energias e desapegar dos fluxos de problemas e cobranças;
- Sempre estar buscando fontes de inspiração para a criatividade e alimento espiritual.

São inúmeras as contribuições que um encontro internacional pode gerar, de fato há muito o que aprender a todo momento. Há muito o que se construir para servir de auxílio para quem está chegando, falta ainda muito esforço para o desenvolvimento das múltiplas capacidades individuais e coletivas. Dar passos na direção de uma mentalidade fraternal e altruísta é dar continuidade há um trabalho que será eterno e sempre será renovado a cada geração de novos desbravadores em busca de uma transformação social.

Estar envolvido em movimentos educacionais que sempre exigem o melhor de si, é sem dúvida uma via pouco convencional e nada fácil. Porém, na realização de tais projetos, com visão expansiva, os envolvidos se aprimoram e dão os passos em direção ao ideal. Provavelmente não veremos tal transformação desejada ocorrer em nível global e a ENH se tornar o parâmetro educacional. Talvez nem seja apropriado que haja um. No entanto, o que podemos almejar são nossas próprias transformações, e observá-las, como se dão por níveis de consciência, por realizações de etapas, nos pequenos ou grandes passos que levam à

transformação do ambiente que nos envolve, possibilitando uma transformação coletiva, juntamente às pessoas com que convivemos. Estar conscientes de que podemos fazer a diferença, mesmo que não estejamos realmente preparados para tal tarefa, é acender a chama da força interior, da fé nos potenciais humanos e se propor em realizar o trabalho de forma coletiva ou individual. Assim está sendo construída a Educação Neo-Humanista no Brasil, a partir de muita luta, garra e de forma autoral, na maioria das vezes sem os devidos recursos.

Devemos lembrar que o fundamental para o educador Neo-Humanista é o espírito de serviço. Ainda que as condições materiais não sejam as ideais, ou mesmo minimamente adequadas, sempre é possível realizar algo que seja benéfico à humanidade, e estes esforços aparentemente pequenos são a fundação para a construção de uma sociedade fraterna e verdadeiramente humana. Nesse sentido, o Seminário Internacional de ENH foi inspirador para renovar os interesses pessoais e coletivos de um grupo de ativistas educacionais que buscam aprimorar a ENH no Brasil.

Projetos em ENH em curso no Brasil

Será apresentado a seguir um resumo dos projetos no Brasil por Estados. Todos os projetos seguem os princípios básicos da Educação Neo-Humanista e oferecem alimentação vegetariana, yoga, meditação/visualização e respiração consciente. Através de atividades lúdicas ensinam os princípios Neo-Humanistas e sempre estão em busca de realizarem um trabalho compromissado.

Informações coletadas do site: < <http://www.amurt.org.br/site/view/home.php>>

Rio Grande do Sul

Belém Novo

Projeto iniciado em 1984 por monges da Ananda Marga, atualmente atendem 67 crianças e possui convênio com a Secretaria Municipal de Educação e parceria com a Rede de atendimento socioassistencial da região.

Restinga Nova 1

Atende 46 crianças, encaminhadas pelas Assistentes Sociais do Serviço de Atendimento Familiar e pelo Programa Ação Rua (enfrentamento da situação de rua vivida por crianças da região), bem como a demanda vinda da própria comunidade. Iniciado em 1985.

Restinga Nova 2

Inaugurada em julho de 1995, para atender crianças de 02 à 06 anos moradores da região, encaminhadas pelas Assistentes Sociais do Serviço de Atendimento Familiar e pelo Programa Ação Rua, bem como a demanda vinda da própria comunidade. Atualmente atende 52 crianças, com convênio com a Secretaria Municipal de Educação e parceria com a rede de atendimento socioassistencial da região.

Restinga Velha

Em 1988 surgiu a Escola de Educação Infantil Ananda Marga Restinga Velha, atendendo atualmente 56 crianças, com convênio com a Secretaria Municipal de Educação parceria com a rede de atendimento socioassistencial da região.

Barro Vermelho

Inaugurada em 1992, a creche atende no turno integral cerca de 55 crianças na faixa etária de 2 a 6 anos. Possui convênio com a Secretaria Municipal de Educação parceria com a rede de atendimento socioassistencial da região.

São Paulo

Jardim Peri Alto

O Centro de Educação Infantil (CEI) está situado na zona norte de São Paulo, atendendo a 110 crianças de 1 a 3 anos em período integral. Possui convênio com a Prefeitura de São Paulo através da Diretoria Regional de Educação- Freguesia/Brasilândia.

Saiba mais: <https://www.youtube.com/watch?v=xZ00r6NElgY>

O CCA (Centro da Criança e do Adolescente) Caminhantes do Céu, também no Jardim Peri Alto, atende 100 crianças de 4 a 11 anos em meio período. Este projeto não conta com convênios, mas recebe ajuda de voluntários e doações.

Guarapiranga 1

O CEI Jardim Ecológico 1 está situado na Zona Sul de São Paulo, atendendo a 70 crianças de 2 a 3 anos em período integral, com e convênio com a Prefeitura de São Paulo através da Coordenadoria de Educação de Campo limpo.

Guarapiranga 2

O CEI Jardim Ecológico 2 esta situado na Zona sul de São Paulo, atendendo 115 crianças com até 3 anos em período integral. Possui convênio com a prefeitura de São Paulo através da coordenadoria de Educação de Campo Limpo.

Jardim Guarani

O CEI Universo Infantil está Situado na zona Norte de São Paulo, atende atualmente 108 crianças de 1 a 3 anos em período integral e possui convênio com a prefeitura de São Paulo através da Diretoria Regional de Educação - Freguesia/ Brasilândia.

Ubatuba

Projeto Namaskar

Atende crianças de 7 a 12 anos e jovens de 13 a 17 anos do bairro Seismaria. São oferecidos diversas atividades complementares, como oficinas de Capoeira, Dança,

música, teatro, palestras variadas e reforço escolar para o desenvolvimento de crianças e adolescente. O projeto desenvolve com as mulheres do bairro cursos para geração de renda.

Saiba mais: <https://www.youtube.com/watch?v=53TsU9hDWsQ>

Minas Gerais

Escola Rural Sol Nascente

Atende principalmente às crianças da Vila de São Francisco, uma comunidade carente situada a oito quilômetros do centro de Belmiro Braga, MG. Essa vila tem aproximadamente 500 pessoas vivendo em condições de pobreza, formada principalmente por trabalhadores rurais que vivem do trabalho temporário nas fazendas próximas e do trabalho volante na agricultura. A escola tem convênio com a secretária municipal de educação, possui uma professora da secretaria atuando no período da manhã e voluntários.

Belém do Pará

Projejo Centro de educação Neo-Humanista de Ananda Marga (Cenhamar)

Em 2002 foi criado o Cenhamar na Comunidade Vila Moara, no limite dos municípios de Belém e Ananindeua. Por falta de oportunidade de emprego muitos encontraram como alternativa de sobrevivência a catação de material reciclável proveniente do lixão do Aurá onde também coletam objetos de uso pessoal.

O projeto busca restabelecer a dignidade de cada criança através da educação infantil e atividades complementares que valorizam de forma integral os potenciais humanos como Yoga, meditação e Artes. O projeto Cenhamar também se tornou um pólo cultural para a comunidade local e região, proporcionando convivência comunitária, palestras, oficinas e atividades culturais.

Apesar do trabalho reconhecido pela comunidade e região, ainda estão na lutando para transformar a infraestrutura de seu espaço adequado para ter convênio com a

secretaria municipal de educação e passar ter acesso a mais professores com formação adequada, merenda escolar e outros benefícios que aprimorariam o trabalho local.

Saiba mais: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/12/criancas-recebem-brinquedos-da-campanha-natal-pai-degua.html>

Rio de Janeiro

Escolas Prisionais

Atividade realizada pela Taís Monteiro, professora de Artes na DIESP, Diretoria Especial de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas. Atuando desde 2014 com o programa Educação de Jovens e Adultos (EJA), trabalha no Complexo Penitenciário de Gericinó, conhecido como Presídio de Bangu. Seu trabalho consiste em, através das Artes e Meditação, trabalhar a autoestima, despertar novamente o interesse pela vida e pelo conhecimento e dar oportunidade de se desenvolver o potencial criativo e humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade se mobiliza em busca de modelos educacionais que confrontem as perplexidades sociais e possam apontar para uma nova realidade em que seja valorizada a diversidade humana e suas dimensões. Sempre existiram iniciativas e correntes pedagógicas alternativas contrárias ao modelo vigente, mas atualmente já não há viabilidade para que perdurem dinâmicas educacionais que não atendem à demanda mais holística sobre educação e sociedade. É crescente a necessidade de uma educação que atenda ao desenvolvimento cognitivo ao mesmo tempo em que busque a elevação do intelecto às mais nobres virtudes humanas. Há um despertar para uma mentalidade mais altruísta que afetará a sociedade ao ponto de desenvolvermos modelos econômicos e sociais mais solidários e fraternos. Temos muito para se pensar, experimentar e principalmente fazer. É possível realizar uma educação que propicie uma expansão mental e desenvolva força interior para superar as limitações impostas pela sociedade, para superar os complexos adquiridos no decorrer da vida e ainda obter força inspiradora para lutar por uma evolução dos parâmetros sociais. Todo o esforço empregado em realizar os sonhos de uma educação mais humana e de um mundo melhor, são apenas valiosos ensaios para a humanidade, para o verdadeiro ser mais humano que surgirá. Como afirmou Paulo Freire em conversa realizada pouco antes da sua morte com Acharya Maheshvarananda Avadhuta, num claro encontro entre o pensamento de dois grandes mestres:

“Eu acho que uma das coisas que estão faltando para nós, tanto professores como alunos, nessa experiência pedagógica, é a capacidade de... , é o que você está chamando de capacidade de meditar e também, no sentido de transcendência, uma experiência de reflexão crítica em torno da presença do mundo”

(FREIRE apud MAHESHVARANANDA, 1997)

PARTE III:

PROJETO PROFISSIONAL

PROJETO PROFISSIONAL

Pretendo dar continuidade ao meu trabalho como Arte-Educadora e professora de Yoga para crianças e para adultos. Também desejo realizar um projeto de Arte-Yoga para os professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal, com o intuito de promover vivências de Yoga, Artes e Criatividade, compartilhando alguns conceitos Neo-Humanistas para promover autoeducação, autocuidado, revalorização profissional e estimular a interrelação mais harmônica e saudável no ambiente escolar.

Atualmente, faço parte de uma associação educativa de pais e professores chamada Palipalan, inspirada na pedagogia Waldorf. Pretendemos abrir a segunda escola de pedagogia Waldorf de Brasília, para isso estamos trabalhando de forma coletiva e colegiada com o intuito de no segundo semestre de 2015 inaugurarmos a Escola Palipalan. Atuarei nessa futura iniciativa Waldorf como Jardineira (professora do Jardim) e farei atividades artísticas e corporais no contraturno escolar. Também visualizo em um futuro próximo um mestrado em educação que surgirá a partir das minhas experiências profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANANDAMITRA AC., Avadhutika. **Meditação e os Segredos da Mente**. Tradução de Mariluce Filizola C. Pessoa, Revisão de Sonia Bali e Raimundo Braga, Revisão atualizada por Bharatti. 3a ed. São Paulo: Publicações Ananda Marga, 2004, 95 p.
- ANANDAMURTI, Shrii Shrii. **Compêndio de Filosofia da Ananda Marga, Volume I**. Tradução de Pradip e Mayajit. São Paulo: Publicações Ananda Marga Ltda., 2006, 247 p.
- ANANDAMURTI, Shrii, Shrii. **Um Guia Para a Conduta Humana**. Tradução de Jiivanadeva. 4a ed. São Paulo: Ananda Marga Publicações, 2001, 75 p.
- BACH JUNIOR, Jonas; STOLTZ, Tania; VEIGA, Marcelo da. Autoeducação e liberdade na Pedagogia Waldorf. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro. Vol. 23, n.42, p. 161-175. Jan-Abr, 2013.
- BATALLOSO, Juan Miguel. **Dimensões da Psicopedagogia hoje: Uma visão transdisciplinar**. Tradução de Carla Higashi. Brasília: Liber Livros, 2011, 362 p.
- BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, 296 p.
- CURY, Augusto. **Ansiedade: Como enfrentar o mal do século**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013, 160 p.
- ESCOVAR, Ana Paula Garcia. **A Televisão Como o Brincar Para Crianças Em Idade Pré-Escolar**. 35 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- FERNANDES, Mauro Domingues. **O Método Clínico na Medicina Antroposófica e a Clínica Foniátrica: O Homem em sua Complexidade**. 244 p. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- INAYATULLAH, Sohail. **Situating Sarkar: Tantra Macrohistory and Alternative Futures**. Austrália: Gurukul Publications, 1999, 168 p. Ebook distribuído por <<http://www.metafuture.org>>.
- MAHESHVARANANDA AVT., Acharya. **Em Memoriam: Uma Conversação com Paulo Freire (1921-1997)**. Entrevista. People's News Agency, 1997. Disponível em: <<http://www.prout.org/por/Pfreier.html>>. Acesso em: 15 de Fevereiro de 2015
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000, 118 p.

- MIURA, Hugo Koji. **Corpo Espaço-Tempo na Escola: Uma abordagem Neo-Humanista**. 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2013.
- PEREIRA, Maria Amélia Pinho. Entrevista. **Revista Diálogo J.Macedo**, Ano III, n. 19, p. 20-27. Set-Out, 2008. Disponível em:
<<http://www.jmacedo.com.br/conteudo/Revista/pdf/REVISTA%20DIALOGO%2019eed7a1b1cb0b411297eda13558796a42.pdf>>
- PEREIRA, Maria Amélia Pinho. **Casa Redonda: uma experiência em educação**. 1. ed. São Paulo: Editora Livre, 2013, 264 p.
- POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. 1. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999
- RÖHR, Fernando. Espiritualidade e Formação Humana. **POIÉSIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina**. Tubarão: Unisul. Número Especial: Biopolítica, Educação e Filosofia, p. 53 - 68, 2011.
- SARKAR, Prabhat Ranjan. A Few Problems Solved Part II. Kolkata: Ananda Marga Publications, 1988a. In: **The Electronic Edition of The Works of P.R. Sarkar – V7.0**. Ananda Marga Publications, 2006. CD-ROM
- SARKAR, Prabhat Ranjan. A Few Problems Solved Part III. Kolkata: Ananda Marga Publications, 1988b. In: **The Electronic Edition of The Works of P.R. Sarkar – V7.0**. Ananda Marga Publications, 2006. CD-ROM
- SARKAR, Prabhat Ranjan. A Few Problems Solved Part V. Ananda Marga Publications, 1988c. In: **The Electronic Edition of The Works of P.R. Sarkar – V7.0**. Ananda Marga Publications, 2006. CD-ROM
- SARKAR, Prabhat Ranjan. Ananda Marga Philosophy in a Nutshell Part IV. Ananda Marga Publications, 1988d. In: **The Electronic Edition of The Works of P.R. Sarkar – V7.0**. Ananda Marga Publications, 2006. CD-ROM
- SARKAR, Prabhat Ranjan. Discourses on Neohumanist Education. Ananda Marga Publications, 1998. In: **The Electronic Edition of The Works of P.R. Sarkar – V7.0**. Ananda Marga Publications, 2006. CD-ROM
- SARKAR, Prabhat Ranjan. **Human Society**. 2nd ed. Calcutta: Ananda Marga Publications, 1999, 300 p.
- SARKAR, Prabhat Ranjan. **Discourses on Prout**. 2nd ed. Purulia: Ananda Marga Publications, 2004, 32 p.
- SARKAR, Prabhat Ranjan. Discourses on Tantra Vol. II. Ananda Marga Publications, 1994. In: **The Electronic Edition of The Works of P.R. Sarkar – V7.0**. Ananda Marga Publications, 2006. CD-ROM

SILVEIRA, Diego Omar da. Rudolf Steiner e a educação. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, Ano VI, n.o 1, abril de 2012, p. 138-139. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/ojs/index.php/cadernosdehistoria/issue/view/14>>. Acesso em: 10 de Setembro de 2014.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Os Processos da Globalização**. Disponível em: <<http://www.eurozine.com/articles/2002-08-22-santos-pt.html>>. Publicado em 22/08/2002. Acesso em 12 de Outubro de 2014.

TOLSTOI, Liev. **Padre Sérgio**. Tradução de Beatriz Morabito. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2001, 128 p.

YAARI, Josef David. **O Primeiro Setênio da Biografia Humana**. Disponível em <<http://www.antroposofy.com.br/wordpress/o-primeiro-setenio-da-biografia-humana/>>. Publicado em 9/07/2014. Acesso em 13 de Agosto de 2014.

FILMES:

CROSSROADS: Labour Pains of a New Worldview. Entrevista com Bruce Lipton, PhD em Biologia Celular, (40'11" a 43'31"). Escrito e dirigido por Joseph Ohayon. EUA, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5n1p9P5ee3c>>. Acesso em: 07 de Agosto de 2014.

ENCONTRO com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá. Entrevista com Milton Santos em 1997. Direção de Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban Produções, 2006.

PÁGINAS NA INTERNET:

Rede Ananda Marga Gurukula <<http://gurukul.edu/about-amgk/about-us/>> Acesso em: 08 de Novembro de 2014.

Movimento Aliança Pela Infância <<http://www.aliancapelainfancia.org.br/>> Acesso em: 08 de Agosto de 2014

Instituto Alana <<http://alana.org.br/>> Acesso em: 08 de Agosto de 2014

Movimento de escolas Neo-Humanistas pelo mundo <<http://www.nhe.gurukul.edu/>> Acesso em: 04 de Setembro de 2014

Ananda Marga River School <<http://www.amriverschool.org/>> Acesso em 05 de Setembro de 2014

Associação Beneficente AMURT-AMURTEL <<http://www.amurt.org.br/site/view/home.php>> Acesso em: 18 de Outubro de 2014.

Creche AMURT São Paulo <<https://www.youtube.com/watch?v=xZ00r6NElgY>> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2015.

Projeto Namaskar Ubatuba <<https://www.youtube.com/watch?v=53TsU9hDWsQ>> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2015.

Crianças recebem brinquedos da campanha 'Natal pai D'égua' <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/12/criancas-recebem-brinquedos-da-campanha-natal-pai-degua.html>> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2015

Projeto REEVO <<http://reevo.org/pt-br/columna/o-repensar-da-educacao-no-brasil/>> Acesso em: 18 de Fevereiro de 2015

ANEXO I

OFICINAS DE ARTE-YOGA

Este trabalho foi desenvolvido com os alunos da quarta série do ensino fundamental da Escola Classe 209 Sul, juntamente ao Grupo Autonomia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, durante os dois semestres letivos de 2012.

A proposta da Arte-Yoga tem o intuito de não ser apenas um espaço de entretenimento e recreação; a criança é acolhida e convidada a atividades que promovem a abertura para trabalhar a conexão corpo e mente, assim como a autopercepção. As oficinas pretendem estimular as crianças de forma integral fazendo um resgate das brincadeiras infantis, ritmos, cantos, artes visuais, associadas a atividades corporais como yoga e respiração, assim como visualizações e contos. As atividades sugeridas acolhem a diversidade do grupo, favorecem o respeito às diferenças e ao tempo individual de cada participante se encontrar no trabalho, proporcionando também com que cada um respeite o tempo e a forma como o outro se expressa. O incentivo a diferentes formas de trabalhar desperta a sensibilidade em relação ao Eu do outro, promovendo também um despertar do autoconhecimento, ao se observarem durante as atividades.

A vivência processual da Arte-Yoga motiva a criança a encontrar sua própria forma de realizar e aprimorar seu trabalho, no qual é convidada a expressar-se com perspectivas humanistas e romper com paradigmas convencionais, ampliando sua visão de mundo e aceitando as diferenças.

METODOLOGIA

São realizadas uma variedade de atividades que se revezam a cada encontro. Estas vivências, divertidas e dinâmicas, são inspiradas na educação Neo-Humanista e Antroposófica, sempre sugerindo uma conexão entre o mundo interno e o externo, e propiciando criatividade e imaginação. Nas aulas para crianças são usadas técnicas da Arte Yoga, despertando o fazer criativo e a autoexpressão dos participantes. Também serão utilizadas técnicas de Integração Corporal, sistema de práticas que venho desenvolvendo há alguns anos, com técnicas inspiradas em *Body Mind Centering* (BMC), Contato

Improvisação, Psicomotricidade e Anatomia Emocional, entre outras. Aplico a Integração Corporal em meu trabalho como arte-educadora, com o objetivo de promover integração sensorial e autoconfiança, ampliando a afetividade, o respeito, a cooperação e a sensibilidade em relação ao outro, buscando o desenvolvimento global e interpessoal.

A estrutura das atividades pode ser alterada conforme a configuração do grupo, a disponibilidade de tempo, a idade dos integrantes e o ambiente (se escolar ou não), de modo que foco seja ampliado na atividade que será considerada a principal.

A EXPERIÊNCIA

Na Escola Classe 209 Sul tive a oportunidade de ter três turmas com distintas composições por faixa etária, e assim preparei atividades com diferentes focos. Em todas as turmas o trabalho era realizado uma vez por semana, com a duração de 60 a 75 minutos por encontro. Apesar de usar estruturas semelhantes, cada grupo emanava uma necessidade diferente, o que algumas vezes iam além das minhas possibilidades, pois sempre emergia a vontade de realizar um trabalho coletivo, mais integrador para os participantes. Passei por alegrias e tristezas, imagino que tenha sido parecido para as crianças com quem tive contato. Em pouco tempo fiz laços de amizade, pois o meu trabalho pressupõe entrega para ambas as partes.

O Quinto Ano

O quinto ano a princípio foi um desafio, pois alguns alunos rejeitaram as atividades, que exigiam muita movimentação e exposição pessoal. Após a terceira semana de trabalho, eles estavam curtindo e muito os 60 minutos de atividades, que depois se tornaram 90 minutos, mesmo a contragosto da professora regente. O trabalho era realizado em um horário que estava reservado a uma disciplina, mas com o aumento da duração a atividade passou a avançar no tempo do recreio. Infelizmente, quando a turma estava começando a entrar na proposta, a professora começou a sabotar o trabalho, negando minha entrada em sala, dizendo que estava com matéria atrasada e não podia mais ceder aquele horário. Me vi distanciar da turma que começava a se interessar pela proposta e se entregar no trabalho, o que me chateou profundamente, ainda mais ao perceber que a turma também lamentou a

descontinuidade do trabalho.

A estrutura do trabalho para esta turma dava ênfase ao desenho de forma e às artes. Soltamos bastante o corpo com exercícios teatrais, o que lhes causavam um pouco de constrangimento; fizemos uma série de desenhos de forma; passamos para a vivência com as cores primárias fazendo surgir as secundárias; mas quando íamos entrar na modelagem com argila o trabalho foi interrompido.

A turma demonstrava muita repressão corporal, sempre muito tensos e se criticando o tempo todo. Os alunos não possuíam uma boa autoimagem, eram muito carentes de atividades integradoras, a maioria sem uma boa coordenação motora e flexibilidade. Apesar da evidente censura, se divertiam e estavam curiosos com as propostas e as atividades. O tema central do trabalho foi equilíbrio, mas infelizmente não tivemos a oportunidade de aprofundá-lo e provocar maiores avanços pessoais com o aprimoramento das atividades.

Estrutura básica da oficina com exemplos de atividades práticas realizadas

1 - Verso para o início da atividade

Eu contemplo o mundo, onde o sol reluz;
onde as estrelas brilham, onde as pedras jazem,
onde as plantas vivem e vivendo crescem;
onde os bichos sentem e sentindo vivem;
onde já o homem, tendo em si a alma, abrigou o espírito.

Eu contemplo a alma que reside em mim.
O Divino Espírito age dentro dela,
assim como atua sobre a luz do sol.

Ele paira fora, na amplidão do espaço
e nas profundezas da alma também.
A ti eu suplico, ó Divino Espírito,
que bênçãos e forças para o aprender, para o trabalhar,
cresçam dentro de mim.

Rudolf Steiner

2 - Exercícios teatrais para desinibição

As crianças se movimentavam pelo espaço em diferentes ritmos e direções e quando se escutava uma palma todos mudavam a direção, quando era duas palmas deveriam se virar para alguém e fazerem caretas, quando eram três palmas buscavam uma pessoa para abraçar.

3 - Posturas de yoga que proporcionam equilíbrio

Pássaro, Árvore e Coelho.

4 - Respiração diafragmática

10 respirações lentas e profundas

5 - Atividade final: Desenho de forma

Desenhar uma lemniscata com giz de cera deitado, de forma equilibrada para os dois lados, de forma contínua, sem pausa para correções. As correções eram feitas em movimento contínuo, como uma meditação ativa.

Fazíamos uma pequena exposição ao final e observávamos os desenhos. Eu provocava comentários com perguntas sobre a forma, cores, proporções, movimento, pausa, força, leveza etc.

Encerrávamos com um abraço coletivo

No encontro seguinte, antes de iniciar as atividades, fazíamos uma retrospectiva da aula passada e escutávamos comentários pessoais de cada experiência. Essa atividade de retrospectiva permitiam ir além a cada nova proposta e superar suas inibições nas atividades.

O Quarto Ano

O quarto ano foi uma experiência que consegui praticamente finalizar, se comparada à experiência com o quinto ano. Foram 8 encontros com o tema Equilíbrio.

O quarto ano era uma turma bem energética que a professora domava no grito. Nessa turma havia uma criança especial, era uma menina com algumas dificuldades motoras e sempre ignorada em sala de aula. Também participava um menino bastante energético e com perfil de líder benevolente, sempre prestativo comigo e com os amigos. Ele possuía a mão direita com dedos mais curtos, o que exigia dele bastante esforço para não perder o lápis da mão, embora conseguisse escrever. Era uma turma linda e criativa, em que havia bastante dificuldade de estarem tranquilos, sentados e calados. Tive a oportunidade de conviver mais com a turma e observar de perto cada criança. Fiz questão de falar e me aproximar de todas elas, umas me amavam e outras muito desconfiadas. No entanto, a maioria aceitava sem grandes complicações as atividades propostas.

A dificuldade geral da turma estava relacionada a aspectos de identidade, muitos já não se sentiam crianças e ficavam envergonhados em brincar, fazer ciranda e cantar versos. Mas isso não durou muito. Logo eles se entregaram às atividades e foi uma turma muito boa de trabalhar. Pude observar a superação de vários deles: a menina com dificuldades motoras realizar sozinha um trabalho manual (uma bola de pano a partir de uma camiseta de algodão, que exigia concentração e motricidade fina, um trabalho de nível médio); o menino superar sua limitação com as mãos diante de todos e realizar no quadro belíssimos desenhos de forma; meninas muito inibidas se soltarem e as muito exaltadas se acalmarem. Pareceu um milagre. Mas de fato quando eles conseguem aceitar a proposta, podemos observar como absorvem as informações e realizam pequenas mudanças.

Essa turma me emocionou muito e nem fizemos algo tão grande, o que ocorre é que quando a turma realmente se entrega ao trabalho, isso gera uma egrégora de confiança mútua que causa muito bem-estar.

Estrutura básica da oficina com exemplos das atividades práticas realizadas

1 - Verso da manhã

Com sua luz querida o sol clareia o dia e o poder do espírito,
que brilha na minha alma, dá força aos meus membros.
No brilho da luz do sol, oh Deus!
Venero a força humana que tu bondosamente, plantaste na minha alma.
Para que eu possa estar ansioso em trabalhar.
Para que eu possa ter desejo de aprender.
De ti, vem luz e força e para ti refluem amor e gratidão.

Rudolf Steiner

2 - Canto Coral

letra (em espanhol):

Buscalo, buscalo, dentro del corazón
dentro de ti, dentro de ti
sientelo, sientelo, em tu respiración
dentro de ti, dentro de ti

3 - Dinâmica Corporal

Todos de pé e em círculo realizam um ritmo com pés e mãos.
Na sequência, todos começam a caminhar formando um círculo e o desafio é o corpo coletivo formar uma lemniscata, sem que se choquem ao se cruzarem durante a execução da forma.

4 - Posturas de Yoga

Realizadas em duplas: Triângulo, Árvore, Cadeira.

5 - Respiração Lúdica

A respiração do arco-íris

Todos sentados em suas cadeiras escutam:

“depois de uma forte chuva (...)”: inspira pelo nariz e solta pela boca fazendo som de vento e chuva, 3 vezes.

“(...) vem a calmaria”: só respiram pelas narinas e respiração diafragmática de maneira bem lenta.

“em seguida surge o sol (...)”: todos erguem os braços inspirando sobre a cabeça

“(...) e nasce um belo arco-íris”: ao escutar “um belo arco-íris”, exalam o ar pela narina abrindo os braços e descendo ao longo do corpo.

6 - Atividade artística

Círculo das cores, com giz de quadro colorido molhado sobre papel A4.

São usadas as cores primárias, permitindo que durante a execução do trabalho surjam cores secundárias formando um belo Arco-íris.

7 - Exposição

Todos colocam seus trabalhos ordenados no chão da sala e observamos os trabalhos.

Em seguida surgiam comentários individuais de como foi a sensação de fazer o trabalho, se houve dificuldade, medo, alegria, estranheza, etc.

Finalizávamos com um grande a apertado abraço coletivo.

A Turma do Período integral

A turma do período integral foi uma experiência também positiva. Era uma turma inconstante: haviam encontros com mais de 25 crianças de 6 a 12 anos, e outros dias com 10 crianças, sempre dessa maneira.

O maior obstáculo foi a concorrência injusta com as aulas de informática, com a sala de vídeo, com a televisão passando o filme “O Motoqueiro Fantasma”, ou mesmo com a possibilidade de estarem brincando livremente no pátio externo da escola. A princípio me sentia incomodada em ter que disputar com outras atividades, mas logo percebi que deveria aceitar e me entregar ao trabalho com as crianças que estivessem participando. Foi interessante observar que as crianças faziam revezamento de atividades, um dia elas faziam minha aula e no outro encontro iam jogar *video game*, ou assistir a um filme. Sendo assim, eu fazia uma atividade mais recreativa, de 60 a 75 minutos, sem a pretensão de aprofundar em temas ou práticas. Mesmo sendo uma aula mais voltada para o entretenimento, as crianças adoravam e se justificavam quando não participavam.

A ênfase nesses encontros eram as atividades corporais, como jogos teatrais e cooperativos; a integração corporal com rolamentos individuais e em duplas; yoga e acrobacias, como estrelinhas, bananeiras e pontes.

Estrutura básica de uma oficina com exemplos de atividades práticas

1 - Canto Coral

Voz feminina: Jacaré, Jabuti e Tatu, Ema, Garça, Tuiuiú ...

Voz masculina: Onça ronca no cerrado, Onça ronca no cerrado ...

2 - Dança Circular

Ciranda da Sereia

3 - Integração Corporal

Rolamentos no chão individuais de forma livre e bem relaxada;

Rolamentos individuais iniciando o movimento com o quadril de forma bem relaxada e solta;

Rolamento em dupla: Uma pessoa da dupla fica deitado com os braços para cima em decúbito dorsal e bem relaxado. O outro apoia as mãos sobre o umbigo do parceiro que está deitado, também de forma bem relaxada. Em seguida quem está deitado em decúbito dorsal faz o rolamento anterior que se inicia pelo quadril e faz com que o parceiro role sobre ele até chegar ao chão. Em seguida trocam as funções.

4 - Posturas de Yoga

Yogamudra, Postura da Criança, Cobra e Camelo.

(Todas para aumentar a concentração)

5 - Automassagem

Imaginar que está no chuveiro tomando banho e iniciar a automassagem pela cabeça e terminar nos pés. Friccionar-se todas as partes do corpo como se estivesse passando sabão com uma esponja. Em seguida deslizar as mãos sobre o corpo de forma contínua como se estivesse retirando a água do corpo.

6 - Visualização e relaxamento

Todos deitados em decúbito dorsal e bem relaxados, braços ao longo do corpo e entregando todo peso do corpo ao chão. Concentra-se a atenção na respiração, respirando de forma lenta e profunda, realizando uma respiração diafragmática. Quando todos estiverem bem relaxados e de olhos fechados, inicia-se a visualização das cores, permitindo que eles vivenciem as sensações que trazem cada cor visualizada, sempre mantendo uma respiração profunda e lenta.

7 - Atividade Artística

Desenho livre com giz de cera. Dessa atividade surgem desenhos bem interessantes sobre a experiência da visualização.

8 - Finalização

Comentários sobre as atividades e encerramento com um abraço coletivo.

ANEXO II

EM MEMORIAM:

UMA CONVERSAÇÃO COM PAULO FREIRE (1921-1997)

por Acharya Maheshvarananda Avadhuta

Em 2 de maio de 1997 um professor brasileiro muito doce e de fala suave morreu de ataque cardíaco. No seu funeral na manhã seguinte em São Paulo, eu estava me debatendo com muitas ironias e paradoxos sobre a vida de Paulo Freire. Mais de trezentos prominentes membros da Esquerda do Brasil se reuniram para deixar suas últimas saudações para um homem gentil que era conhecido como um revolucionário.

Seu caixão estava envolto com a bandeira nacional verde e amarela junto a uma outra bandeira vermelha e branca de um militante do Partido dos Trabalhadores. Os membros da Polícia Militar eram seus escoltadores funerais, porque o Presidente Cardoso, de cujas ações conservativas Freire protestou amargamente, endereçou a ele a honra de um funeral do estado. Logo que o padre terminou de dizer os últimos ritos, as pessoas calmamente cantaram a famosa canção de Geraldo Vandré que Freire amava:

*Vem vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora não espera acontecer.*

Quando o caixão foi baixado, eu me inclinei e arranquei uma rosa de dentre pilhas de coroas de flores. Eu pensei no meu mantra e joguei aquela flor com um sentimento de profunda gratidão. Uma das equipes de televisão me pediram para explicar a minha presença em meu uniforme laranja. Eu disse:

"A vinte e cinco anos atrás quando era um estudante universitário nos Estados Unidos, o livro de Paulo Freire, A Pedagogia do Oprimido, foi requisitado para leitura no curso de Ciência Política. Isto me inspirou muito a dedicar minha vida pela causa da mudança mundial, de ajudar a criar uma verdadeira revolução baseada no amor e solidariedade aos desfavorecidos. Me tornei monge da Ananda Marga, a qual organiza diferentes tipos de projetos de serviço social, especialmente em creches de diferentes áreas carentes. Então, Paulo Freire era um das razões porque eu uso este uniforme."

Freire começou sua carreira ensinando cursos de alfabetização para as classes de trabalhadores pobres do Pernambuco. Ele desenvolveu um sistema de ensino através do

diálogo, reconhecendo e respeitando o conhecimento que as pessoas pobres já tinham. Ele os ajudou simultaneamente a questionar as razões de suas pobreza. Este processo de “conscientização” gradualmente se tornou tão bem-sucedido que em 1963 ele foi convidado para encabeçar o programa de alfabetização nacional do Brasil.

Para entender a força do trabalho simples de Freire, considere o diálogo da primeira noite de aula com trabalhadores de plantação de cana-de-açúcar:

Quando eles chegavam, ele os ocupavam em uma agradável conversação, até que de repente um desconcertante silêncio surgia.
 Ele também ficou silencioso e esperou. Finalmente um deles disse, "Desculpe, senhor, que estivéssemos falando. O senhor é que podia falar porque o senhor é o que sabe. Nós, não".
 -- Muito bem -- disse eu a eles. -- Eu sei algumas coisas que vocês não sabem. Mas por que eu sei e vocês não sabem?
 De repente a curiosidade se acendeu. A resposta não tardou.
 -- O senhor sabe porque é doutor. Nós não.
 -- Exato, eu sou doutor. Vocês não. Mas, por que eu sou doutor e vocês não?
 -- Porque foi à escola, tem leitura, tem estudo e nós, não.
 -- E por que fui à escola?
 -- Por que seu pai pôde mandar o senhor à escola. O nosso, não.
 -- E por que os pais de vocês não puderam mandar vocês à escola?
 -- Por que eram camponeses como nós.
 -- E o que é ser camponês?
 -- É não ter educação, posses, trabalhar de sol a sol sem direitos, sem esperança de um dia melhor.
 -- E por que ao camponês falta tudo isso?
 -- Porque Deus quer.
 -- E quem é Deus?
 -- É o Pai de todos nós.
 -- E quem é pai aqui nesta reunião?
 Quase todos de mão para cima, disseram o que eram. Me fixei num deles e lhe perguntei: -- Quantos filhos você tem?
 -- Três.
 -- Você seria capaz de sacrificar dois deles, submetendo-os a sofrimentos para que o terceiro estudasse, com vida boa no Recife? Você seria capaz de amar assim?
 -- Não!
 -- Se você -- disse eu --, homem de carne e osso, não é capaz de fazer uma injustiça dessa, como é possível entender que Deus o faça? Será mesmo que Deus é o fazedor dessas coisas?
 Um silêncio diferente do anterior. Em seguida:
 -- Não. Não é Deus fazedor disso tudo. É o patrão!

(de Pedagogia da Esperança, Paz e Terra, 1992)

Apos este diálogo, Freire ensinou e discutiu as palavras que tinham mais força para os grupos de pessoas com as quais ele estava trabalhando. Para trabalhadores de plantação tais seriam incluídas: “casa”, “terra”, “poço”, “fome”, “escola”, “dívida”, etc. Simples retratos de pessoas com eles envolvidas por coisas de seus mundos, interagindo com outros, constituíam a chave de ignição para conversações profundas. Educação como esta

tinha grande importância para suas vidas, e assim suas técnicas foram capazes de alcançar a alfabetização funcional no inacreditável curto espaço de 30 horas.

Os soldados no funeral eram muito jovens para lembrar que em 1964 os generais tinham achado este “Método de Alfabetização Paulo Freire” tão perigoso para o controle político no país que eles o declararam “subversivo, malvado e perigoso, um inimigo de Deus.” Aprisionado por dois meses, ele foi então mandado para o exílio e sem permissão para retornar por 17 longos anos. Ironicamente, novamente, esta foi punição que lançou suas ideias para o mundo.

Paulo Freire trabalhou para o Ministério da Educação no Chile e Argentina, lecionou por um ano como professor convidado na Universidade de Harvard nos EUA, depois dirigiu o escritório de educação do Conselho Mundial de Igrejas em Genebra. Em 1971 seu livro, *A Pedagogia do Oprimido*, foi publicado primeiro em inglês, depois traduzido para doze outras línguas. Sua revolucionária abordagem educativa para ajudar as classes oprimidas a reconhecerem suas explorações se tornou um guia para liberação de movimentos em todo o mundo. Freire foi premiado doutor honorário, graduado pelas universidades na Grã-Bretanha, Bélgica, Suíça, El Salvador, Fiji e Estados Unidos.

O Dr. Sohail Inayatullah do Paquistão explicou a importância das ideias de Freire em seus *workshops* de Prout em diferentes países.

"Paulo Freire exerceu tanta influência nos últimos quarenta anos que quase toda a educação progressiva tem usado sua base. O Neo-Humanismo essencialmente também tem muito de sua teoria, ver autenticamente quais são as necessidades dos outros e vivenciar o seu mundo. Esta é a ação do aprendizado, perceber a visão do mundo das outras pessoas e trabalhar com elas em seus diversos níveis. Isto significa que eu estou parcialmente aceitando suas ideias, mas também desafiando seus padrões de crenças e ponto de vista. Sendo assim, este trabalho torna-se tanto um encontro autêntico quanto um esforço para movermos em direção a um novo nível de entendimento--conscientização como diz Freire."

Um mês antes de sua morte, eu tive a honra de encontrar Paulo Freire na biblioteca de sua casa em São Paulo. Sua suave barba branca e longos cabelos retratavam sua bonita maneira brasileira de hospitalidade. Três jovens membros da Ananda Marga de São Paulo me acompanharam, incluindo Ambika, professora principal de nossa creche na cidade. Conversamos por quase duas horas em uma maravilhosa e graciosa atmosfera de respeito mútuo.

Ambhika: Nossa alternativa é uma forma de educação não convencional chamada Neo Humanista. É uma pedagogia holística mais profundo, ela é baseada num processo pessoal, em que primeiramente se desenvolve o ser.

Paulo Freire: Mas como é que vocês realizam isso, isto é, como vocês procuram realizar esse sonho na prática?

A pergunta fundamental, que eu fazia, tem a ver com a prática educativa e a relação entre a educadora, o educador e o educando. Coloca, porém, a necessidade imperiosa do testemunho do valor. Eu não posso fazer um discurso sobre a bondade matando um animal diante de quem ouve o discurso.

Yamuna: Em nossas escolas, o que eu vejo são as professoras e as orientadoras trabalhando com muita força a fim de tentar não só deixar tudo num discurso, mas, realmente realizar algo prático. A escola de São Paulo fica em uma área pobre e as pessoas, que ali trabalham, sofrem muito. Mas elas estão ali dispostas a trabalhar. Então é isso que vemos na parte prática: as trabalhadoras estão fazendo o possível para realizar este sonho.

Paulo Freire: Uma das brigas, das maiores lutas de cada um de nós individualmente é exatamente diminuir a diferença entre o que se diz e o que se faz, a entre o discurso e a prática.

O ético realmente é lutar pela aproximação ou pela diminuição dessa diferença. Acho que é nos homens e nas mulheres da política, que se encontra o máximo de distância entre o discurso e a prática. Se você observar um discurso de um candidato a prefeito, depois de eleito, perceberá que a prática não tem nada a ver com aquele discurso. Como educador e como gente, eu acho que um dos valores que se deve perseguir é exatamente esse: o valor da coerência. Eu me lembro do esforço que eu fiz quando jovem e pai, quando comecei a ter, anos atrás, minha experiência paterna com minha primeira mulher, o que significou para nós, foi esse exercício da diminuição da distância entre o que você faz e o que você sonha. Isso é uma luta, uma luta diária, mas uma luta bonita, uma luta gostosa. Me lembro de algumas vezes, em que pedi desculpa a um filho ou uma filha minha pela contradição no que eu ensinei. Inclusive, é importante que a criança saiba que o pai é incompleto mesmo, que ele pode errar. Deveria nos satisfazer é saber que estamos diariamente lutando pela coerência. Eu sempre digo: eu gosto da pureza, mas recuso o puritanismo, gosto da moralidade mas tenho horror ao moralismo. Acho que a nossa luta diária é procurar pela seriedade.

No fundo, eu sou um cara espiritual. Não diria que sou um homem religioso. Mas, sou um homem de fé. Encaro que ter fé não é necessariamente ter religiosidade. Em mim, há sempre a impregnação da mundaneidade na transcendentalidade. Não posso alcançar a transcendência, a não ser a partir do mundo. É aqui na história, memoriando na história, a infinitude da minha possibilidade de cair e vivendo a possibilidade de

cair que eu posso cair menos.

Por exemplo, eu fumei muito até 1978 quando estava no exílio, na Suíça. Fumava três carteiras de cigarros por dia, o que era um absurdo do ponto de vista da saúde. Estava me destruindo e, quando reflito sobre esse período, vejo que, nas duas ou três vezes em que pensei que devia parar de fumar, me faltou o fundamental, que foi a vontade decisória. Quando ela cai você não decide e quando você não decide, você não rompe, porque afinal de contas, a decisão é uma ruptura de quem tem uma capacidade crítica de escolher. Ninguém decide senão romper com um e ficar com o outro. Daí a ineutralidade da decisão. Nenhuma decisão pode ser jamais neutra. E foi rompendo com raiva.

Eu acho que importante de se ter nas decisões é a capacidade de sentir raiva. A minha verdade é de que a raiva é solidária do amor e não antagônica. Algumas das coisas fundamentais, que tenho feito em minha vida tenho feito porque tenho tido raiva. E a raiva precisamente até porque amo. A justa ira. O moço Cristo, que expulsou os comerciantes do templo não expulsou fora da raiva. Foi raiva, foi a justa raiva.

Maheshvarananda: O livro “Democracia Econômica”, pelo fundador da organização, Prabhat Ranjan Sarkar, que fala a respeito da nossa filosofia social para criar uma sociedade justa no mundo. Queria perguntar a sua opinião sobre a ideia de garantir as cinco necessidades básicas, incluindo alimento, roupas, moradia, educação e cuidados médicos. Isso deve ser garantido através do aumento do poder de compra através da garantia de emprego para todos. Então é uma alternativa do comunismo e do capitalismo. É uma síntese das ideias de como podemos desenvolver individualmente, mas com tetos de salários para prevenir a super acumulação de riquezas, que é o que está acontecendo no capitalismo. Qual é sua opinião sobre isto?

Paulo Freire: No momento atual do capitalismo, vem se explicitando o que vem aí a ser chamado de neoliberalismo. No fundo, ele se integra na ética do mercado. Quer dizer que a ética fundamental, que seria a ética do ser humano, é totalmente posta de lado em função dos interesses da ética do mercado, que é uma ética malvada. Quer dizer, uma ética que desrespeita a presença humana. E acho que nenhuma política de desenvolvimento tecnológico e científico, que esqueça os interesses humanos, tem sentido para mim. Obviamente que não defendo o atraso do desenvolvimento ou a parada do desenvolvimento científico ou tecnológico, porque penso que seria uma postura reacionária. Mas o que eu acho é que o desenvolvimento da ciência e o desenvolvimento da tecnologia não se podem perder de vista.

O neoliberalismo é contra isso tudo. A compreensão do desenvolvimento é completamente desinteressada do humano. Venho hoje lutando muito contra isso, brigando contra isso e uma das minhas recusas a participar de qualquer tipo de colaboração com a política do Presidente Cardoso é esta. Eu não votei no professor

Cardoso, não vou votar na reeleição dele e estarei sempre do lado de cá na minha briga contra um homem, que eu conheço pessoalmente e que é um grande intelectual, por isso mesmo o pecado dele é maior. E ele foi um dos maiores marxistas desse país e que, de repente, descobre que seu caminho é a direita. Eu não aceito isso. Então tenho criticado. Sou muito camarada do Ministro da Educação, mas, do ponto de vista da política nacional brasileira, não tenho nada a ver com ele. É uma pena porque aos 75 anos, quando penso que cheguei a um momento em que poderia dar uma contribuição maior ao nosso país, me recuso. A contribuição que eu dou é escrevendo e criticando tudo isso.

Maheshvarananda: Prabhat Ranjan Sarkar escreveu que o capitalismo está usando diferentes termos, diferentes formas de atuar. Antes, era a exploração política através do imperialismo e colonialismo. Mas depois da Segunda Guerra Mundial, eles transferiram toda essa exploração para a exploração econômica. Hoje, o capitalismo usa muitas técnicas psicológicas. Por exemplo, a indústria do fumo utiliza bilhões e bilhões de dólares para convencer e criar novos consumidores jovens, através de técnicas muito psicológicas de propaganda, com cavalos de raça ou expressões de liberdade.

Paulo Freire: No fundo, o que a economia americana quer é profundar e confirmar o seu comando e o seu domínio sobre as outras economias. Eles chamam isso de democracia e globalização da economia. E o professor Fernando Henrique Cardoso ainda diz que a gente é caipira. Como é que entra na cabeça a ideia de vender a Vale do Rio Doce? A terceira maior companhia do Brasil, honesta, séria, técnica, competente. O país perde de uma vez toda uma potência que criou porque o princípio neoliberal é que é o correto, o da privatização.

Maheshvarananda: Em sua obra famosa, *A Pedagogia do Oprimido*, você escreveu sobre a invasão cultural, a me interessou muito. Eu estava trabalhando no Sudeste da Ásia por catorze anos, e lá se nota de forma bem clara, a imposição da pseudo-cultura americana. Mas no Brasil é estranho porque, por exemplo, o dono da Rede Globo percebeu a técnica para transformar toda a propaganda dos Estados Unidos como se fossem modelos brasileiros. Então é mais difícil para os brasileiros perceberem esse tipo de imposição cultural. Gostaria de saber a sua opinião quanto a isso.

Paulo Freire: O próprio processo dominador é um processo necessariamente manhoso. Existem inúmeras artimanhas porque, em certo momento no processo dominador, ocorre fisicamente, quer dizer o dominador entra e toma conta. O colonialismo foi esse momento. Mas, em determinado momento, fica muito caro para o dominador manter uma estrutura colonialista. Então, é melhor retirar seus soldados do país invadido e manobrá-los através da economia. No domínio atual, através da economia e da política, necessariamente precisa-se refinar os comandos ou a invasão cultural. Em certo momento, é interessante que o invadido não se perceba invadido. O

desenvolvimento de nossa capacidade crítica é cada vez mais necessário, mas cada vez mais difícil também

Maheshvarananda: Essa é uma parte essencial de Neo-Humanismo também, estudar e realizar diferentes tipos de exploração. Porque a educação para a libertação é a base do nosso processo de educação. Através dos nossos estudos e do nosso diálogo com os outros, podemos perceber diferentes tipos de exploração. Individualmente e juntos com outros, nós podemos lutar contra essa exploração.

Paulo Freire: No fundo eu acho que uma das coisas que estão faltando para nós, tanto professores como alunos, nessa experiência pedagógica, é a capacidade de... , é o que você está chamando de capacidade de meditar e também, no sentido de transcendência, uma experiência de reflexão crítica em torno da presença do mundo.

É isso que falta, porque, de um modo geral, o que se enfatiza na prática é a transferência do conteúdo. Quer dizer, o ensino fica reduzido a uma técnica de transmissão de conteúdos, uma transmissão menorizadora, mecânica do conhecimento de Biologia, Geografia, de História, de Matemática de forma a minimizar a minha presença no mundo. A minha formação não se esgota no treino físico, no treino técnico do conhecimento superficial do conteúdo. E isso é hoje uma das características da pedagogia neoliberal. O que eles vem chamando de pragmatismo na prática docente. Para mim a educação é mais do que isso e, a meu ver, envolve a meditação permanente

O legado de Paulo Freire pode ser notificado em suas duas dúzias de livros e em mais de 900 locais na Internet. Ele pode também ser visto nos olhos das crianças e das pessoas idosas que ganharam a força por lêr suas palavras que moldam suas vidas. Ele era sempre encontrado repetindo as palavras de outro revolucionário, Che Guevara: “E ao risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é animado por fortes sentimentos de amor.” Quando eu caminhava cruzando as gramas do cemitério, pensei como eram adequadas as palavras de P. R. Sarkar na dedicação de seu livro, *A Liberação do Intelecto: Neo-Humanismo*:

"Àqueles que pensam em todos. . .
Que oferecem a outros os lugares de honra e respeito. . .
Que veneram outros ao invés de esperar ser venerados.
A eles, dedico este livro com humilde estima, e as mais profundas saudações."

***© 1997 People's News Agency. All rights reserved.

Reprinted with permission of People's News Agency, Platanvej 30, 1810 Frederiksberg C, Denmark, gtimes@post8.tele.dk

Fonte: <http://www.prout.org/por/PFreier.html>